

1120
2400

DI
MACH/S1

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA



Dissertação de Mestrado apresentada em Etologia

**O Comportamento Agressivo em Humanos:
Instrumentos de Medida, Diferenças Sexuais
& Efeito de Idade**

Orientador: Prof. Doutor Rui F. Oliveira

Aluna: Sónia V. Machado Nº. 1866

Lisboa

Novembro de 2003



ISPA Instituto Superior de Psicologia Aplicada
C.
Folhas: 15748
Data: 18.4.05
Tel: 21 021 17 00 • info@ispa.pt

AGRADECIMENTOS

Entre todas as pessoas a quem estou verdadeiramente grata gostaria de começar por agradecer aos meus pais pois são eles a estrutura desta minha caminhada, e porque sem eles não me teria sido possível o privilégio de partilhar deste espaço particular da etologia através do qual aprendi o desejo de pensar a sério.

A todos os fantásticos professores do mestrado em etologia:

Especialmente ao Prof. Rui Oliveira pela generosidade com que partilha a profundidade do pensamento científico, pelas oportunidades que me proporcionou com este trabalho, pela sua paciente orientação e cuidado ao longo de todo o tempo. Ao Prof. Manuel Eduardo dos Santos com quem pude aprender que a verdade da ciência assenta sobre o fio de uma *lâmina*, ao Prof. Emanuel Gonçalves por tornar simples o que parece complicado, ao Prof. Luís Carneiro pela alegria e disponibilidade que mostrou sempre, ao Prof. Vítor Almada pelo rigor e preocupação, à Prof. Teresa Avelar pelo prazer com que ao longo das aulas nos oferece o seu conhecimento, ao Prof. João Maroco com quem finalmente aprendi estatística e que me aconselhou no tratamento dos dados.

À Prof. Maria João Gouveia em particular gostaria de mostrar a minha gratidão pela atenção que me disponibilizou constantemente em todos os momentos de reflexão e ansiedade, e por me ter ensinado como se pode medir o comportamento em humanos.

Aos amigos que muito me ajudaram com os questionários, que me apoiaram e incentivaram sempre, o Pedro Reis, a Lena, a Anita, o Raul, a minha mãe. E especialmente à minha irmã, a Rosinha, por me ensinar que as lágrimas e as gargalhadas nascem no mesmo sítio que determina a vontade, e que a eternidade é agora.

A todas as pessoas da Unidade de “E.T.ologia” que me ajudaram imenso na recolha dos dados, e às pessoas que gentilmente participaram no estudo, pela sua disponibilidade e curiosidade, a todos: Muito obrigada.

ÍNDICE

PARTE I. INTRODUÇÃO

1. Apresentação	p.2
2. Agressividade	p.5 ✓
2.1. Hostilidade:	
A Componente cognitiva da agressividade	p.10
2.2. A componente emocional da agressividade:	
O que é a emoção e para que serve?	P.13 ✓
2.2.1. A Raiva:	
Uma emoção fundamental na agressividade?	P.18
2.2.1.1. O desenvolvimento da raiva	p.19
3. Funções da agressividade	p.22
4. Como se mede a agressividade em humanos?	p.24
4.1. Objectivos	p.24

PARTE II. MÉTODOS

5. Estudo 1	p.26
5.1. Amostra	p.26
5.2. Variáveis	p.27
5.3. Os instrumentos de medida	p.27
(A) Escala de Agressão Directa e Indirecta	p.27
(B) Questionário de Agressividade	p.28
5.4. Procedimento	p.29
5.4.1. Tradução e adaptação dos instrumentos	p.29
5.4.2. Recolha dos dados	p.29
5.4.3. Tratamento estatístico	p.30
6. Estudo 2	p.32
6.1. Amostra & procedimento	p.32

PARTE III. RESULTADOS

7. Estudo 1

7.1. DIAS: Análise factorial	p.33
7.2. Consistência interna	p.35
7.3. QA: Análise factorial	p.36
7.4. Consistência interna	p.38
7.5. Relação entre auto e hetero-avaliações	p.39

8. Estudo 2

8.1. DIAS	p.41
8.2. QA	p.44
8.3. Índice de discrepância	p.45
8.4. Efeito de idade no comportamento agressivo	p.46

PARTE IV. DISCUSSÃO & CONCLUSÕES

9. a) DIAS	p.48
9. b) QA	p.49
10. Discussão geral & conclusões	p.50

Referências bibliográficas	p.60
----------------------------	------

Anexos

RESUMO

O tema abordado ao longo deste trabalho é a agressividade em seres humanos.

Este foi escolhido entre tantos outros possíveis devido à necessidade de dispor de medidas válidas para estudar adequadamente este tipo de comportamento. Espera-se que, em complementaridade com outras técnicas, os instrumentos utilizados nesta dissertação possam contribuir de algum modo para a resolução das necessidades sentidas neste âmbito.

Começa-se com uma introdução baseada na literatura acerca do *Homo sapiens*, pelas dificuldades conceptuais existentes associadas à agressividade, como se manifesta esta e quais são os elementos que a constituem, nomeadamente as suas componentes comportamental, cognitiva, e emocional.

Os objectivos do estudo são apresentados no final desta introdução e são eles:

- Validar duas escalas de medida do comportamento agressivo para a população portuguesa.

- Investigar diferenças entre os sexos na agressividade, e o efeito da idade neste tipo de comportamento.

Para isso este trabalho encontra-se dividido em dois estudos. No estudo 1 é tratado o primeiro objectivo, e no estudo 2 investiga-se a existência das diferenças sexuais. Na secção seguinte são expostos os métodos utilizados para operacionalizar estes objectivos, a caracterização das amostras, as variáveis, a recolha dos dados e o procedimento seguido.

Na parte III e IV apresenta-se os resultados, a respectiva discussão dos mesmos e algumas conclusões possíveis tentando comparar aqueles com o conhecimento referido na literatura a este respeito. Nesta última secção ficam ainda algumas sugestões consideradas com interesse para a investigação no futuro, e para a reflexão acerca deste ser humano que “estando condenado a ser livre, carrega aos ombros o peso do mundo inteiro: é responsável pelo mundo e por si mesmo enquanto maneira se ser” (Sartre, *O ser e o nada*, p.678, 1998).

Sem mais alongar este pretendo resumo avança-se para o corpo do trabalho propriamente dito.

PARTE I. INTRODUÇÃO

Are we fallen angels who didn't want to believe that nothing is nothing and so were born to lose our loved ones and dear friends one by one and finally our own life, to see it proved?...

JACK KEROUAC
«The Dharma Bums»

1. APRESENTAÇÃO

Em mais de dez milhões de espécies existentes, incluindo quatro mil espécies de mamíferos, apenas duas espécies estão documentadas com evidências de agressão territorial intensa iniciada por machos organizados em coligações, que invadem outros territórios e atacam letalmente membros da sua própria espécie: os chimpanzés e os humanos. Os machos humanos, como os chimpanzés, formam alianças entre si através das quais se suportam mutuamente na agressão contra outros. Este é um padrão de agressão único partilhado por humanos e chimpanzés e por mais nenhuma outra espécie conhecida (Wrangham & Peterson, 1996, citados por Buss, 1999).

Neste contexto surgem algumas questões que suscitam interesse, nomeadamente: Qual é a origem da agressividade humana? Quais são os comportamentos utilizados na agressividade humana? Quem é agressivo e em que circunstâncias? Como se desenvolvem as formas de agressividade e qual a sua função?

A delimitação do objecto de estudo abordado no presente trabalho, a **agressividade**, é complicada e heterogénea mas além do mais é necessária. A atenção recai pois sobre o comportamento de indivíduos dirigido a outros indivíduos da sua espécie, não no comportamento entre grupos (ou nações) eliminando assim duas categorias de comportamentos humanos classificados como agressivos por muitos autores: Os comportamentos de predação dirigidos a membros de outras espécies, e a guerra. A guerra tem causas muito diferentes das causas de agressão entre indivíduos, e mesmo o comportamento dos que tomam parte nela não caberia nalgumas definições de agressão (Hinde, 1974).

Deste modo, o comportamento dirigido a causar danos físicos e ou psicológicos a outro indivíduo é classificado como comportamento agressivo (a parte sublinhada da descrição estabelece a diferenciação do dano acidentalmente causado).

O ataque a outro indivíduo, em todas as espécies, envolve o risco de danos para o próprio, e por isso muitas vezes é realizado em associação com outros elementos comportamentais de auto-protecção ou defesa, e de fuga e ou

apaziguamento. Isto pode observar-se nas posturas de ameaça e nas ameaças verbais que muitas vezes constituem um mosaico dos vários elementos.

Frequentemente o ataque, a ameaça, a fuga, e a submissão são aglomerados num sistema agonístico e, geralmente, este tem como consequências o estabelecimento de estatuto, precedência, ou o acesso a algum objecto ou espaço e o que este pode incluir, particularmente, recursos valiosos como alimentos e parceiros sexuais (Hamburg, 1991). A este respeito parece necessário distinguir qual o objectivo do comportamento agressivo. Contudo esta não é uma tarefa fácil, porque se muitas vezes é claro que o comportamento agressivo tem como função a realização de um objectivo diferente da provocação de danos a outro indivíduo, não é claro qual a evidência necessária para estabelecer que um comportamento danificante de outrem tem *de facto* outro objectivo.

Outra categoria de comportamento que causa dificuldades na definição de agressividade é o jogo. Algumas evidências sugerem que em crianças em idade pré-escolar é necessário estabelecer dois tipos de elementos de comportamento: a) dar murros, dar pancadas, olhar fixamente, franzir os sobrolhos, e ficar vermelho; e b) lutar, rolar, perseguir, rir e o “play-face”. O primeiro corresponde ao comportamento agressivo enquanto o segundo demonstra analogias com o jogo “rough-and-tumble” observado em primatas não-humanos. A existência de dano, em si, não é suficiente para definir como agressivos os actos que conduziram ao dano. Quando alguém pisa o pé de outro pode pensar-se que é um acto agressivo, ou um acto sem intenção que ocorre por negligência, ou um acto inevitável se o sujeito, por exemplo, for empurrado ou estiver a cair nesse momento, e ainda mesmo que este acto seja dirigido com um objectivo pode não ser classificado de agressivo se o emissor sorrir e se pensar que é uma “brincadeira” (Hinde, 1974; Bernstein, 1991). Assim também parece lógico que na categoria do comportamento agressivo se inclua a agressão verbal embora a comunalidade das suas bases causais com a agressão física permaneça ainda por destringir.

No caso dos humanos o dano causado pode ser não só físico mas também psicológico e ou social. O problema em incluir os últimos na definição de agressividade consiste em determinar se este tipo de dano é um objectivo ou uma consequência incidental.

Finalmente, para se assumir o comportamento direccionado ao prejuízo no outro como o núcleo central do conceito agressividade é necessário lembrar que, no

caso dos humanos os meios usados para infligir esse dano podem ser extremamente subtis e requintados, como na agressão indirecta. Além disso podem ainda ser incluídos nesse conceito os sentimentos subjectivos, as fantasias, e os sonhos, ou a atenção pode ser limitada apenas ao comportamento directamente observável (Hinde, 1974).

Esta apresentação a propósito da definição de agressividade faz-se porque é este o conceito fundamental do presente trabalho e algumas das suas características elementares serão tratadas mais adiante.

2. AGRESSIVIDADE

A perspectiva sob a qual a agressividade depende de uma drive ou pulsão interna fundamentalmente provém de duas origens. Uma é a visão psicanalítica desenvolvida por Freud, que aborda um modelo das pulsões. A outra envolve a observação da ubiquidade da agressividade em animais descrita por Lorenz.

Freud, e outros psicanalistas assumem que os instintos humanos são de dois tipos: os que conservam e unificam, a que chamam “eróticos” – no significado que Platão confere a Eros no seu *Symposium* – ou “sexuais”, extendendo explicitamente a conotação popular de “sexo”; e, os instintos que destroem e matam assimilados como instintos agressivos ou destrutivos. Para Freud estes são os conhecidos Amor e Ódio transformados em entidades teóricas, no entanto, afirmava simultaneamente que era necessário ser muito cuidadoso para que não se passasse sem parcimónia sobre os conceitos de bem e de mal. Cada um destes instintos é tão indispensável como o outro e todos os fenómenos da vida derivam da sua actividade, quer funcionem concertadamente ou em oposição; um está sempre misturado com uma certa dose do seu oposto, que modifica o objectivo daquele ou até, em certas circunstâncias, é uma condição fundamental para a sua concretização. A natureza do instinto de auto-preservação é certamente erótica, mas para atingir o seu fim este instinto necessita da acção agressiva. O instinto agressivo funciona em todos os seres vivos, lutando pela destruição e por isso também chamado “death instinct” (Freud in Nathan & Norden, 1960), enquanto os instintos eróticos lutam pela manutenção da vida. O instinto de morte torna-se um impulso para a destruição quando, com a ajuda de certos órgãos, dirige a sua acção para o exterior, contra objectos externos. O organismo defende a sua existência destruindo os corpos estranhos, por assim dizer (Freud in Nathan & Norden, 1960). Mas, espantosamente, numa das suas actividades o instinto de morte opera dirigido para dentro do ser vivo. Quando este mecanismo opera neste sentido em grande escala este não é um assunto trivial, enquanto que a diversão do impulso destrutivo para o mundo externo deve possuir efeitos mais vantajosos para o indivíduo. *“Here is then the biological justification for all those pernicious propensities. We can but own that they are really more akin to nature than this our*

stand against them, which, in fact, remains to be accounted for” (Freud in Nathan & Norden, 1960).

Para Lorenz, a agressão é uma drive cuja intensidade destrutiva, “um mal hereditário da humanidade” (Lorenz, 2002), é uma consequência de um processo de selecção intra-específica que actuou sobre os antepassados humanos. Quando o homem atingiu o estado de posse de armas, vestuário e organização social, assim ultrapassando os perigos da fome, do frio e de ser comido por animais selvagens, e estes deixaram de constituir os factores principais na selecção natural, deve ter-se instalado uma ‘malévola’ selecção intra-específica. O factor determinante da selecção era então as guerras entre tribos hostis vizinhas. No entanto, refere também que o redireccionamento do ataque é a conquista mais engenhosa da evolução.

No seu livro sobre a agressão (Lorenz, 2002) Lorenz refere que o seu professor Huxley descobrira que certos padrões de movimento perdem, no curso da filogenia, a sua função específica original e tornam-se puramente exhibições “simbólicas”, e que a este processo chamou ritualização. Lorenz estabelece uma analogia entre os processos culturais que originam o desenvolvimento dos ritos humanos e os processos filogenéticos que dão origem às exhibições nos animais. Através do processo de ritualização filogenética podem evoluir instintos novos e completamente autónomos, tão independentes como qualquer das chamadas grandes pulsões como a fome, o sexo, o medo ou a agressão, e são tão importantes porque particularmente as pulsões originadas pela ritualização são utilizadas em oposição à agressão para a redireccionar para formas inofensivas. Os ritos que evoluíram no curso da civilização humana não são fixados hereditariamente mas são transmitidos pela tradição e têm que ser aprendidos por cada indivíduo, por exemplo, uma proporção considerável dos maneirismos que constituem as ‘boas maneiras’ são exageros de gestos submissivos ritualizados culturalmente, muitos dos quais provavelmente têm a sua origem em padrões motores ritualizados filogeneticamente que transmitem o mesmo significado (Lorenz, 2002).

Embora na natureza exista competição intensa entre os indivíduos, e o resultado seja muitas vezes estabelecido pelo comportamento agonístico, a morte e os danos físicos são menos comuns do que provavelmente se esperaria. Há várias razões evolutivas pelas quais a frequência de episódios agressivos, e a agressividade neles contida, é minimizada. 1) Os participantes num encontro agressivo podem ser feridos. Um indivíduo perante obstáculos insuperáveis faz melhor em aceitar um estatuto de

submissão ou em tentar a sua sorte noutra sítio. Mas também para os vencedores é melhor evitar as interacções agressivas pois os combates envolvem riscos para todas as partes. 2) A agressividade excessiva pode negligenciar outras actividades como a corte, a alimentação ou a criação de descendentes. 3) A hostilidade pode ser dirigida a parentes desconhecidos, ou menos facilmente reconhecíveis, e conseqüentemente afectar o sucesso reprodutivo e a frequência de genes do agressor e dos seus oponentes.

Dos muitos modos pelos quais a agressividade é reduzida, os mais óbvios envolvem as posturas de ameaça em vez do combate físico (Hinde, 1974). As posturas submissivas também fazem parte da comunicação não verbal nas espécies, do seu repertório de sinalização, e servem para terminar a agressividade do indivíduo atacante. Presumivelmente a selecção natural actuou para tornar os agressores responsivos a tais sinais porque, como já visto, qualquer luta abarca riscos de danos. Pela mesma razão, presumivelmente para os indivíduos com maior probabilidade de vencer um encontro compensa o uso de sinais de aviso, ameaça, e para os indivíduos prováveis vencidos compensa o apaziguamento quando os recebem.

A espécie humana possui um repertório diversificado de comportamentos de dominância/submissão originados a partir de formas primitivas e biológicas cuja função é atacar, ou fugir do perigo utilizados na resposta ataque-ou-fuga (*fight-or-flight*).

Os sinais de dominância evoluíram a partir de movimentos de ataque utilizados naquela resposta, e têm como função fazer com que o corpo pareça mais poderoso, mais ameaçador e maior ao olhar. Os elementos agressivos utilizados incluem apontar a cabeça para a frente em direcção ao outro, apontar o queixo para fora, enrugar a pele na ponte do nariz, e movimentos rápidos da cabeça dirigidos à outra pessoa. Estes sinais podem também ser utilizados nas manifestações de raiva (Given, 2003).

O conjunto de elementos submissivos observados nos humanos inclui: a evasão - desviar a cabeça ou os ombros da direcção do outro; o "chin in" - o queixo apontado para o peito; os cantos dos lábios encolhidos, lambe os lábios, a proeminência do lábio inferior, tremor do lábio inferior, recolher os lábios e engolir. Nas crianças os actos submissivos incluem chorar, gritar, fugir, bajular, esconder as mãos, hesitar, ir-se embora, e pedir ao outro para parar (Given, 2003).

Outra forma social que tem como consequência a diminuição da violência é a hierarquia de dominância. Se um número de indivíduos, inicialmente estranhos uns aos outros, são colocados juntos, no início podem surgir conflitos e dependendo do contexto é até possível a ocorrência de lutas. Após algum tempo torna-se evidente que alguns indivíduos são consistentemente dominados por outros, enquanto outros dominam constantemente. O resultado é uma hierarquia de dominância, este tipo de estrutura social encontra-se nos humanos e numa vasta diversidade de vertebrados. Mas embora o estabelecimento de uma hierarquia de dominância estável esteja associada à redução da agressividade, este facto não deve ser tido como um indicador da evolução destes sistemas pela selecção natural actuando sobre o grupo ou sobre as espécies para reduzir a luta intra-específica. Estes sistemas são melhor explicados como o resultado da selecção natural agindo sobre o indivíduo, é claramente vantajoso para o indivíduo no topo da hierarquia manter a sua precedência sem ter que lutar constantemente e, para os outros, não estar permanentemente a desafiá-lo (Hinde, 1974).

Embora estes modos pelos quais a agressividade é reduzida existam não quer dizer que esta seja infrequente. Em qualquer sociedade humana competitiva, a existência de acontecimentos ou de condições prejudiciais para alguns dos seus constituintes é uma consequência inevitável das regras que gerem a distribuição económica e os benefícios sociais. A defesa dos interesses pessoais por parte de cada indivíduo em competição com outro resulta, geralmente, em algum tipo de perda para pelo menos um dos indivíduos, independentemente da legitimidade dos motivos de cada um. Neste contexto, as convenções sociais tentam estabelecer diferenças entre os prejuízos e perdas provocadas pela competição, e os prejuízos instigados pela agressão. Esta pode manifestar-se em diversos comportamentos que contudo podem não ser funcionalmente equivalentes. Deste modo é necessário distinguir:

- **Agressão proactiva ou instrumental:** Descrita nas formulações teóricas da aprendizagem social como um comportamento deliberado mediado por reforços externos, ou seja, é um comportamento cuja função é permitir ao organismo alcançar determinados objectivos que variam desde a obtenção de atenção até à auto-preservação, e a agressão em si não constitui um desses objectivos (Feshbach, 1970; Crick & Dodge, 1996).

- **Agressão reactiva:** Esta definição tem as suas raízes no modelo da Frustração-Agressão e é definida como uma resposta defensiva, caracteristicamente

acompanhada pela raiva, a uma situação de frustração ou provocação (Crick e Dodge, 1996). O núcleo do trabalho apresentado por Dollard et al. (1939, in da Glória, 1981) postula que o comportamento agressivo de um indivíduo é o resultado de frustrações que o mesmo sofreu embora também possa haver frustração sem ocorrência de agressão. Frustração é para estes autores qualquer obstáculo (acontecimento, outro sujeito, ou incapacidades do próprio sujeito) que impede a realização de determinado objectivo, incluindo neste também a fuga ou o evitamento de uma situação. Agressão de facto é todo o procedimento efectuado que tem como consequência o prejuízo de outro indivíduo, e esta é uma condição necessária. Neste modelo, a agressão instrumental não é conceptualizada como comportamento agressivo (da Glória, 1981).

As percepções de pares hostis são predictores de respostas agressivas de retaliação, e as atribuições hostis podem consequentemente induzir tendências para actos agressivos. Crick e Dodge (1996) avançam que a agressão reactiva pode manter-se através de um ciclo negativo através do qual o indivíduo-A, por exemplo, que é agressivamente reactivo atribui conteúdos hostis ao comportamento do outro-B e reage agressivamente. O outro-B responde com um aumento da hostilidade que o sujeito-A interpreta como uma confirmação da primeira interpretação. Os resultados que estes comportamentos produzem irão subsequentemente modular a sua própria frequência de ocorrência e a sua forma expressiva. As interpretações, ou avaliações que o sujeito constrói acerca das modificações produzidas no meio resumem-se, pois, a: recompensa, ausência de recompensa, punição, ou a combinações entre estes.

Neste tipo de comportamento, a identificação entre o agressor e a vítima como fenómeno que decorre da capacidade de empatia pode funcionar como um importante mecanismo de inibição do comportamento agressivo, resultante do processo de socialização na espécie humana e também já observada por Darwin noutras espécies.

A **agressão física** e ou **verbal** são definidas como acções danosas ou de ataque dirigidas aos outros motivadas pelo objectivo de lhes infligir danos (Powell, 2000). Exemplos de agressão física nos humanos são manifestos em comportamentos como dar murros, pontapés, ou empurrar, enquanto que a agressão verbal é descrita por exemplo com comportamentos como insultar e gritar (Björkqvist et al., 1992; Buss & Perry, 1992). A **agressão indirecta** é definida como o comportamento que um indivíduo realiza ao atacar indirectamente a pessoa alvo, através da manipulação social, dessa forma evitando a retaliação (Björkqvist et al., 1992). Um aspecto central

deste tipo de comportamento hostil é que usualmente serve para causar danos ao oponente evitando ser identificado como agressivo, como por exemplo difundir boatos acerca de outro.

2.1. Hostilidade: A Componente Cognitiva da Agressividade

A **hostilidade** é um constructo inerente à agressividade e é conceptualizada, de acordo com Buss e Perry, como um traço estável da personalidade caracterizado por crenças cínicas e de desconfiança, constitui portanto a dimensão cognitiva do comportamento (Buss & Perry, 1992).

O modo como um sujeito reage a um acontecimento estimulante emocionalmente depende, pelo menos em parte, do seu entendimento da situação e também da sua interpretação acerca do que se está a passar dentro de si. Obviamente pode inibir alguns comportamentos porque pensa que são perigosos ou inadequados enquanto dá liberdade a outras acções porque lhe parecem seguras e/ou permissíveis. A função principal dos sistemas cognitivos é guiar o comportamento, e a atenção é orientada por estruturas cognitivas integradas, denominadas esquemas, que incorporam normas acerca das relações entre o meio e o comportamento. O que recebe a atenção é um produto da rede cognitiva que atribui significados aos acontecimentos e dos estímulos complexos que os configuram. As expectativas guiam a atenção na procura de pistas relevantes para os objectivos e/ou necessidades individuais. Uma vez que o repertório de esquemas da raiva – que é um dos elementos do nosso objecto de estudo - esteja desenvolvido, os acontecimentos (por exemplo ouvir uma pergunta dirigida ao próprio) e as suas características (a *maneira* como a pergunta foi feita, *quem* a perguntou e *quando*) são interpretados com um significado consonante com o esquema pré-existente (Novaco, 2000). As crenças cínicas são esquemas nos quais os outros são representados como motivados por preocupações egoístas. A desconfiança ou as atribuições hostis baseiam-se nas crenças/esquemas do indivíduo que os outros são provocadores e injuriosos, e que o comportamento destes lhe é especificamente dirigido (Powell, 2000). Como a sua função é assegurar a sobrevivência, os aspectos sensíveis à ameaça constituintes dos esquemas da raiva são prioritários, e portanto podem preponderar sobre o

processamento de outra informação. Deste modo, as cognições podem afectar o comportamento emotivo depois das reacções iniciais ocorrerem (Novaco, 2000; Berkowitz et al., 1969).

Berkowitz avançou a hipótese de que a agressividade do indivíduo pode seguir-se à sua interpretação da associação (emparelhamento) entre as suas reacções internas e qualquer objecto externo, acontecimento ou pessoa, mais provavelmente do que ser um produto apenas do seu entendimento dos seus estados emocionais, como enfatiza Schachter (Berkowitz et al., 1969). Por exemplo, um sujeito está preparado para agir agressivamente por algum motivo. Suponha-se que posteriormente encontra estímulos no meio que também evocam reacções agressivas. As respostas constituem-se em reacções viscerais, motoras e ideativas que podem ser abertas. Muito frequentemente o indivíduo estabelece uma conexão entre estas reacções, das quais frequentemente tem consciência, e algo do ambiente. Ele pode acreditar ou crer que determinada pessoa exerce este efeito sobre si. O sujeito pensa por exemplo “Estou com raiva”, e este conhecimento facilita a ocorrência do comportamento agressivo. A sua interpretação pode incluir também alguma crença acerca da causa do seu estado interno: “Aquela pessoa provocou-me raiva”. Berkowitz et al. (1969) sugere que um propósito agressivo pode desenvolver-se a partir deste entendimento. O indivíduo diz a si próprio que quer agredir o sujeito que lhe produziu estas reacções que ele categorizou como “raiva”, e há dados experimentais que concordam com esta análise (Berkowitz et al., 1969), no entanto, não é necessário que os processos cognitivos operem pelos modos especificados pelas formulações cognição-avaliação-atribuição convencionais da emoção (Berkowitz, 1990). Há outros factores que activam a raiva e a agressividade. Cheiros desagradáveis, temperaturas elevadas, imersão em água fria, e cenas repulsivas podem aumentar a agressividade dirigida ao outro mesmo que este não possa ser responsabilizado e mesmo que a agressividade não reduza os estados afectivos negativos, então: as cognições são necessárias?

Muitas explicações cognitivas da raiva e da agressividade mantêm que determinados esquemas, como os referidos acima, são necessários para que a emoção ocorra. Weiner propôs que as pessoas não ficam com raiva em situações desprimorosas a não ser que essas sejam atribuídas a um acto intencional e controlável de alguém, enquanto Lazarus avançou que as pessoas têm que “ver” as ocorrências negativas como ameaças ao seu bem-estar (Berkowitz, 1990). Contrárias a estas propostas há evidências que indicam que a raiva pode surgir mesmo que o

acontecimento negativo não seja encarado como uma ameaça pessoal e não seja possível responsabilizar alguém por uma acção injustificada. No seu modelo teórico, o modelo cognitivo-associativista, Berkowitz assume que redes associativas ligam tipos específicos de sentimentos a pensamentos particulares e memórias, e também a determinados tipos de reacções expressivo-motoras e fisiológicas. Isto não parece muito diferente do proposto por Scherer (que será exposto com maior detalhe na secção seguinte) além de que a activação de qualquer componente na rede tende a activar também as outras partes. Mas este modelo tem uma particularidade de acordo com Berkowitz (1990), ele propõe a existência de uma conexão associativa entre o afecto negativo e os sentimentos, ideias, memórias relativas à raiva e também com “inclinações” agressivas. É devido a estas associações que as pessoas que se sentem mal por qualquer motivo – se têm uma dor de dentes, se têm muito calor, se estão expostas a cheiros ou a ruídos desagradáveis, ou se estão muito tristes ou deprimidas – podem ser agressivas, ter memórias e ideias hostis, e estar predispostas à agressividade. Especificamente, o afecto negativo gerado pelos acontecimentos aversivos automaticamente originam dois conjuntos de reacções:

- Alterações corporais, sentimentos, ideias e memórias associadas à fuga;

- Reacções corporais, sentimentos, pensamentos e memórias associadas à agressão. A diversidade dos factores genéticos, aprendidos e imediatos, supostamente determinam a resposta. O processamento cognitivo de ordem superior não é necessariamente sempre operante. Por vezes é necessário que as pessoas sejam motivadas para pensar mais extensiva e profundamente acerca dos vários tipos de informação recebida. Uma vez envolvidas neste processamento podem ter em consideração as causas percebidas da sua excitação, as possíveis consequências de qualquer acção que eventualmente efectuem, os objectivos que pretendem alcançar, as sensações que estão a sentir, e os pensamentos e memórias que acabaram de experienciar (Berkowitz, 1990).

As variáveis demográficas associadas à hostilidade demonstram que esta dimensão cognitiva, particularmente o cinismo, aumenta com a idade enquanto a dimensão emocional - a **raiva** - diminui. Alguns estudos apontam para mais hostilidade nos homens do que nas mulheres (Powell, 2000). As investigações que tiveram início na década de sessenta sugerem que a hostilidade é o núcleo do padrão comportamental do Tipo A, ou seja é um factor independente de risco para o desenvolvimento de doenças coronárias e mortalidade prematura (Powell, 2000). O

comportamento de Tipo A é a primeira conceptualização do comportamento propenso à doença coronária que se caracteriza por duas componentes principais: A urgência excessiva de tempo e a existência de hostilidade (Powell, 2000).

2. 2. A Componente Emocional da Agressividade

O que é a Emoção e Para que serve?

O cérebro está repleto de mecanismos com propósitos gerais e específicos que foram construídos ao longo de consolidações evolutivas. As emoções, pelo menos em traços largos, são algumas dessas entidades. Elas habilitam os organismos com potenciais de comportamento relativamente complexos e elaboram os valores intrínsecos que guiam a maior parte da aprendizagem subsequente. Ou seja, estes sistemas regulam o comportamento ao longo da vida dos organismos, inicialmente de forma mais impulsiva e depois mais elaborada. Para Panksepp (1994) a espécie humana é uma espécie tão carregada de instintos emocionais como as outras, mas pelo facto de os humanos possuírem córtices maiores não estão tão constrangidos pelos ditames desses instintos e podem usufruir de uma maior disponibilidade de escolhas comparativamente com as outras espécies. Seria causa de alguma polémica reivindicar que os circuitos emocionais básicos existem na grande rede neural que intervém entre *inputs* e *outputs*, mas como explicar as diferentes tendências emotivas acompanhadas por estados afectivos que seguramente podem ser evocados pela estimulação localizada, essencialmente, das mesmas áreas do cérebro em diversas espécies? É pouco provável que tais comportamentos tenham sido aprendidos individualmente pelos membros de um vasto número de espécies diferentes. Acreditar que esses sistemas cerebrais conservados através da evolução dos mamíferos já não exercem influência no cérebro humano é advogar um status metafísico privilegiado para a condição humana (Panksepp, 1994).

No cerne deste tema há uma grande controvérsia sobre a definição de **emoção básica** ou fundamental. Geralmente considera-se que algo é básico, fundamental ou primário se desempenha uma função importante. De acordo com Averill (1994) o protótipo de um objecto pode estabelecer-se através de critérios funcionais, por exemplo o protótipo de uma faca é: Um instrumento que corta bem. Deste modo pode pensar-se que emoções básicas, prototípicas, são presumivelmente aquelas que

desempenham funções vitais. Mas vitais para quê e para quem? Uma emoção pode ser vital para o indivíduo, se forem utilizados critérios psicológicos e biológicos para explicar a sua função; pode ser vital para a sociedade, se forem utilizados critérios sociais; ou pode ser vital para a espécie, partindo de critérios sociais. Mas daqui surge outra questão, qual destas três possibilidades é a mais fundamental? Que se comece por assumir que emoções básicas são aquelas com funções biológicas vitais. Desta premissa decorre um conjunto de critérios que devem ser passíveis de observação. Por exemplo, as emoções devem ser universais na espécie humana, devem ser observáveis sob formas mais rudimentares em primatas não humanos, devem ser hereditárias, podem ser activadas tão rapidamente que o indivíduo não tem consciência do momento inicial em que ocorrem; deve haver padrões distintos de actividade do sistema nervoso autónomo em diferentes emoções, e as emoções não devem possuir uma longa duração (Averill, 1994; Ekman, 1994). Mas porque deveria considerar-se os critérios biológicos os mais fundamentais? Talvez porque a espécie humana é um produto de milhões de anos de evolução e deste modo dirigido por princípios biológicos de organização que se sobrepõem aos princípios sociais e psicológicos. Contudo, quando se fala de emoções standardizadas (as reconhecidas e designadas em cada cultura) sabe-se que os princípios sociais determinam a forma que as emoções têm manifestamente. Não é possível distinguir seguramente entre o que é espontaneamente desenvolvido a partir do potencial genético e as oportunidades e constrangimentos que o ambiente impõe a esse desenvolvimento (Averill, 1994; Panksepp, 1994; in Ekman, 1994). Como princípio geral, parece que a maior parte do potencial comportamental comum é fornecido geneticamente embora necessite de modulação ambiental para adquirir uma coordenação com algum nível de sofisticação. Ora a manifestação destes princípios biológicos e sociais ocorre através do comportamento individual, e neste caso, as directivas pessoais, as estruturas de conhecimento e o próprio conhecimento que determinam em cada indivíduo o seu eu, isto é os princípios psicológicos, podem ser considerados básicos (Averill, 1994). Portanto, de um ponto de vista teórico não faz sentido seleccionar um conjunto de critérios e utilizá-lo consistentemente ao tentar explicar a função das emoções.

Uma explicação funcional deve especificar as consequências que uma resposta com um design determinado tem num ambiente relevante, quais são as vantagens adaptativas que essa resposta confere ao indivíduo relativamente a outras possíveis. Não é necessário que o design da resposta seja consciente ou voluntário, pode ser o

resultado da evolução biológica, dos costumes sociais ou de hábitos individuais únicos, e assim quando se falar em comportamento humano poder-se-á fazê-lo com mais certeza ao falar de design em vez de intenção (Averill, 1994).

Neste sentido alguns autores de acordo comum sugerem que se as emoções evoluíram como adaptações filogenéticas perante determinadas situações de vida então há alguns traços que as caracterizam, como já mencionado. Há evidências de situações específicas ou acontecimentos que evocam emoções semelhantes em diferentes culturas (Boucher, 1983; Sherer, Wallbott & Summerfield, 1986; citados em Sherer, 1994) mas há também evidências de diferenças culturais a este respeito (Sherer, 1988; citado em Sherer, 1994). Sherer (1994) propõem que não são as situações que são universais mas sim os padrões de avaliação acerca do seu significado para o indivíduo. Neste sentido, as características estruturais e transaccionais do significado - como a perda, o perigo, a gratificação - são universais e filogeneticamente contínuos. Os elementos centrais do processo de avaliação são invariáveis mas o padrão total pode variar bastante, e assim pode perguntar-se se as diferenças na resposta geral à avaliação reflectem diferenças nos estados emocionais subjacentes. Isto porque tanto ou mais reveladoras do que as diferenças interculturais observadas são as diferenças individuais existentes dentro da mesma cultura. A mesma situação não provoca necessariamente a mesma expressão emocional em dois indivíduos, nem sequer no mesmo indivíduo em diferentes ocasiões.

Ao assumir que a emoção é um constructo teórico que pode ser exemplificado por padrões variáveis de elicitação e reacção desde que exista um núcleo central, é necessário explicar claramente pelo que é constituído este núcleo. Algumas tentativas foram realizadas com este intuito, Tomkins (1984) e Ekman (1992) referem-se a este núcleo como um número limitado de padrões típicos de expressões faciais baseados em programas neuromotores inatos (in Sherer, 1994), Panksepp (1982) aponta para mecanismos neurofisiológicos, Lazarus fala acerca de “temas” e guiões emocionais (in Sherer, 1994).

Sherer definiu a emoção como uma sequência de alterações sincronizadas e intercorrelacionadas nos estados de todos os componentes ou subsistemas orgânicos:

- Processamento de informação/cognição
- Estrutura
- Execução/motivação

- Acção/SNS
- Monitorização/sentimento subjectivo

que ocorre como resposta à avaliação de um acontecimento-estímulo externo ou interno relevante para os interesses centrais de um organismo. Neste contexto, o padrão de todas as alterações sincronizadas nas diferentes componentes ao longo do tempo constitui a emoção, e pode esperar-se que mesmo pequenas diferenças neste padrão reflectam diferenças reais na natureza do estado emocional (Sherer, 1994). A emoção não é considerada, por este autor, como um estado pronto a ser activado por um acontecimento elicitor prototípico, ao contrário a emoção é encarada como uma janela temporal durante a qual as diferentes componentes se sincronizam e dessincronizam de maneira diferenciada, e estas alterações são cumulativas e dependentes de alterações na avaliação constantemente efectuada das modificações da situação significativa decorrente. Estes padrões cumulativos de sincronização de componentes determinados pela avaliação são os episódios emocionais postulados por Sherer (Sherer, 1994; Power e Dagleish, 1997).

Como consequência desta definição torna-se evidente que o número de potenciais estados emocionais é infinito. Contudo, há alguns padrões principais de adaptação em todos os organismos vivos que reflectem padrões frequentemente recorrentes resultantes de avaliações do ambiente. Todos os organismos, em todos os estados de desenvolvimento ontogénico encontram bloqueios à satisfação das suas necessidades ou à concretização de objectivos pelo menos algumas vezes. Então, num sentido muito lato, a frustração é universal e ubíqua. Igualmente universais são os dois principais padrões de reacção, lutar e fugir. Consequentemente, não é surpreendente que os estados emocionais que elicitam estes comportamentos, a raiva e o medo respectivamente, pareçam universais e observáveis em muitas espécies (Sherer, 1994). Segundo o modelo proposto por Sherer é altamente provável que se alguém quiser compilar a distribuição da frequência de padrões retidos da avaliação dos estímulos, algumas combinações dos resultados dessas avaliações seriam frequentemente encontrados originando padrões específicos e recorrentes de alterações de estado. Sherer sugeriu que os estados resultantes destas avaliações predominantes dos estímulos se designassem por **emoções modais**. As emoções modais caracterizam-se assim por padrões prototípicos de avaliações e pela correspondente padronização da expressão, da activação autonómica, das tendências para a acção e dos estados afectivos subjectivos (Sherer, 1994).

Este autor refere ainda a importância do papel desempenhado pelas designações emocionais verbais, o *labeling* verbal. Dada a proeminência e a frequência da ocorrência de episódios emocionais muito similares pode esperar-se que estes sejam nomeados com curtas expressões verbais na maior parte das linguagens. As categorias linguísticas ordenam conceptualmente o mundo em vários domínios e fazem-no também para as emoções. Uma vantagem desta organização categorial é a comunicabilidade dos referentes que lhes estão subjacentes, mas esta constitui apenas um tipo de representação do processo da emoção. Pode dizer-se que ela representa a parte reflexiva do subsistema de monitorização referido anteriormente. Visto que o subsistema de monitorização como um todo reflecte as modificações dos estados de todos os outros sistemas existe, pelo menos nos humanos, uma parte consciente. Esta é, no processo da emoção, a componente disponível para a reflexão e a descrição verbal. A parte consciente do sistema de monitorização pode evidenciar muitos aspectos das outras componentes da emoção, como a avaliação da situação, as alterações neurofisiológicas, a expressão e a tendência para agir. Contudo o *labeling* é independente do processo da emoção e da experiência emocional como um todo. Até determinado ponto, a selecção dos aspectos de processo da emoção que são designados por uma palavra é aleatória, dependendo do objectivo do comunicante. Deste modo, algumas palavras parecem realçar a componente da reacção fisiológica como no caso de “alerta” ou “cansado”; outras revelam a componente cognitiva como “confuso” ou “curioso”; outras focam antecedentes sociomotivacionais específicos como “ciumento”; e há ainda outras que se referem à tendência para a acção como “hostil” (Scherer, 1994). Parece portanto que não é necessário haver palavras para haver emoção, mas algures talvez tenha havido a necessidade de criar símbolos para as exprimir.

2. 2.1. A Raiva

Uma emoção fundamental na agressividade?

A relação entre a raiva e a agressividade ainda não está claramente estabelecida. Por vezes a agressão pode ser a expressão de raiva mas noutros casos pode ter funções instrumentais e de dominância. Além disso, a raiva não conduz inevitavelmente à agressão (Dodge, 1981, in Dodge & Lamerise, 1993). Juntamente com a alegria, a surpresa, o medo, a repulsa e a tristeza, a raiva tem sido considerada como uma das emoções básicas humanas que evoluiu pela sua importância para a sobrevivência e adaptação, embora haja variações sócio-culturais na aceitabilidade da sua expressão e na forma que essa expressão toma. Como uma emoção humana normal tem várias funções adaptativas que incluem a organização e regulação de processos fisiológicos e psicológicos relacionados com a auto-defesa, bem como a regulação dos comportamentos sociais e interpessoais. Perante a adversidade, esta pode mobilizar recursos psicológicos, motivar o comportamento para uma acção correctiva, e facilitar a perseverança. A raiva serve para manter a auto-estima em níveis de razoável aceitabilidade, funciona como um meio de comunicar sentimentos negativos, potencia a capacidade para compensar injúrias, e aumenta a determinação para superar obstáculos à felicidade e aspirações de cada um (Dodge & Lamerise., 1993; Novaco, 2000). Deste modo, ela é encarada como um activador e organizador do comportamento tanto como um sinal social que regula os comportamentos interpessoais. Mas embora a raiva sirva para regular o comportamento interpessoal, ela própria é regulada no contexto interpessoal através do processo de socialização que se vai estabelecendo pelos educadores e outras figuras sociais.

Todas as culturas possuem regras para os displays associados à raiva (Malatesta, 1982; Averill, 1982; citados in Dodge & Lamerise, 1993) e cada indivíduo tem que aprender quando, com quem e como expressar esta emoção através de modos culturalmente aceites. Além das suas funções adaptativas, a raiva também possui efeitos mal adaptados ao bem-estar pessoal e social. Geralmente, a alta activação fisiológica prejudica o processamento de informação e diminui o controlo cognitivo do comportamento. Visto que a activação fisiológica é o elemento

fundamental na raiva, as pessoas não são cognitivamente profícuas quando estão enraivecidas (Novaco, 2000). As perturbações na modulação e expressão desta emoção têm implicações nas relações interpessoais. A raiva é acompanhada por impulsos agressivos, que por sua vez aumentam a probabilidade de ocorrência de respostas reactivamente agressivas, quer seja pela retaliação directa, pela perda de relações significativas, ou pela censura social. Um indivíduo com raiva tem enviesamentos no processamento da informação social, não otimiza o seu pensamento, não é empático nem prudente. Além disso, as dificuldades nesta modulação encontram-se também associadas a uma regulação interna menos adaptativa que pode tornar-se crónica e, conseqüentemente, conduzir a doenças coronárias. Há evidências que a raiva exerce um efeito directo na doença coronária e na mortalidade através de mecanismos neuroendócrinos. A experiência crónica da raiva pode estar associada com a activação crónica do sistema nervoso simpático ou com a supressão crónica do parassimpático mediadas por mensageiros químicos como a epinefrina, a norepinefrina, a testosterona e a serotonina (Powell, 2000).

2. 2.1.1. O Desenvolvimento da raiva

Embora todas as crianças mostrem expressões faciais negativas há alterações do desenvolvimento dos displays faciais e também na orientação direccional destes.

As expressões negativas relativamente indiferenciadas em crianças com um mês de idade parecem não ser direccionadas selectivamente pois olham mais frequentemente para alvos não sociais e irrelevantes. As crianças mais velhas, aproximadamente com sete meses tendem a orientar os movimentos da cabeça na direcção do objecto que constitui a fonte potencialmente geradora da sua resposta: o experimentador ou as suas mãos, ou na direcção da figura materna supostamente como figura securizante (Stenberg e Campos, 1990; citados in Dodge & Lamerise, 1993). Dados semelhantes foram obtidos para as vocalizações. Estes resultados parecem sugerir uma alteração no entendimento que as crianças possuem acerca da causa da frustração, e o aumento da tendência para que as suas expressões de raiva ocorram de modo socialmente dirigido. A emergência das expressões típicas da raiva indicam que as capacidades cognitivas podem constituir uma componente importante neste tipo de resposta (Dodge & Lamerise, 1993).

Durante a infância, as manifestações de raiva foram observadas como resposta a impedimentos físicos e/ou a interferências nas actividades das crianças, como por exemplo ser-lhes retirado um brinquedo. Ao longo de todos os contextos e causas, as manifestações “explosivas” de raiva têm a sua maior frequência durante o segundo ano de idade, continuam até ao quarto ano e diminuem posteriormente; além disso observam-se também mais frequentemente em rapazes do que em raparigas (Dodge & Lamerise, 1993).

As disputas entre crianças de quatro anos ocorrem sobretudo por causa dos seus objectos ou pela aquisição de espaço. Embora a agressão instrumental, orientada para a obtenção e/ou manutenção destes objectivos diminua após os quatro anos, a incidência de agressão reactiva aumenta (manifesta verbalmente com maior frequência) (Hartup, 1983; citado por Dodge & Lamerise, 1993). À medida que as crianças crescem os seus pais tornam-se menos permissivos perante a raiva e o comportamento agressivo, embora se observe uma tendência para que os rapazes sejam recompensados mais frequentemente quando manifestam este tipo de comportamento, enquanto as raparigas são ignoradas ou incitadas a parar o comportamento. De acordo com Radke-Yarrow e Kochanska (1990) (citados in Dodge & Lamerise, 1993) estes resultados são consistentes com os estereótipos culturais das manifestações masculinas e femininas da raiva.

A socialização da raiva envolve a acção directa e indirecta dos pais ou das figuras parentais e dos pares, ou grupos nos quais cada indivíduo se insere. Ao longo deste processo ocorre o desenvolvimento de respostas empáticas que hipoteticamente (Miller & Eisenberg, 1988; citados por Dodge & Lamerise, 1993) funcionarão como mecanismos inibidores do comportamento agressivo. Muitos teóricos definem a empatia como uma reacção emocional coerente com a condição ou o estado emocional do outro, por exemplo é sentir tristeza ao ver outra pessoa triste (Eisenberg, 1994), no entanto há outros que utilizam este conceito para se referir a reacções de outro cariz tais como a simpatia e a angústia pessoal, de modo que talvez seja útil estabelecer esta distinção.

A simpatia é definida como uma reacção emocional baseada na apreensão da condição emocional do outro, uma reacção que envolve mais sentimentos de tristeza, compaixão, ou preocupação com a outra pessoa do que o experienciar a emoção como o outro. Conceptualmente, a simpatia envolve uma orientação para o outro e uma

motivação para o ajudar enquanto que a empatia por si só não abrange estes factores (Eisenberg, 1994).

Retomando o ponto inicial, Aronfreed & Hoffman (Eisenberg, 1994) sugeriram que a empatia é adquirida precocemente pelo condicionamento ou associação, ou seja, pelo repetido emparelhamento do prazer e dor sentidos pela criança e a expressão por parte do outro das emoções correspondentes. Para Hoffman, as crianças são capazes de experimentar o desconforto com algumas respostas empáticas mesmo antes de se diferenciarem claramente dos outros (12/18 meses) como resultado de condicionamentos ou de tendências biologicamente determinadas para tal. Consequentemente, algumas vezes ela não conseguem distinguir quem está a experienciar a situação desconfortável e comporta-se como se o que está a acontecer aos outros estivesse a acontecer-lhe. Uma vez que consigam diferenciar-se cognitivamente dos outros, a sua angústia empática pode transformar-se na preocupação pelos outros, isto é, podem continuar a responder de forma empática mas são capazes de experienciar sentimentos de compaixão pelos outros juntamente com a vontade consciente de os ajudar, porque podem sentir pena dos outros em vez de simplesmente tentar aliviar a sua própria perturbação (Eisenberg, 1994). De acordo com Hoffman, as crianças começam a considerar-se como entidades físicas e psicológicas diferentes dos outros a partir dos dois ou três anos. São capazes de assumir rudimentarmente a perspectiva do outro e de sentir motivação para se colocar na posição dele tentando descobrir as origens da sua angústia. Entre os seis e os nove anos, as respostas emocionais restringem-se às situações de stress específicas, imediatas e transitórias dos outros. Com o aumento da maturidade cognitiva e o desenvolvimento da consciência da sua existência e da dos outros, as crianças começam a reagir às condições mais gerais dos outros como a doença, a opressão, a incompetência, além das condições mais imediatas (Eisenberg, 1994). A inteligência social é um requisito para todos os tipos de comportamento de conflito mas a empatia funciona neste caso como um mitigador da agressão, esta é capaz de reduzir o comportamento agressivo (Österman, 1999).

3. FUNÇÕES DA AGRESSIVIDADE

3. 1. A obtenção de recursos

Os humanos armazenam recursos que historicamente têm sido valorizados relativamente à sua sobrevivência e reprodução. Entre estes encontram-se as terras férteis e acesso a água potável, alimento, ferramentas, armas e parceiros sexuais. As formas de obtenção destes recursos na posse de outros são variadas, como o estabelecimento de trocas sociais, o roubo, o logro, e a agressão (Buss, 1999).

Individualmente, o sujeito pode usar a força física ou ameaças para a aquisição dos recursos. Os adultos, particularmente homens, utilizam com frequência a fraude e o espancamento para extrair o dinheiro ou os bens dos outros, e para ter acesso às fêmeas. Por vezes a simples ameaça de agressão é suficiente para obter os mesmos resultados (Buss, 1999). Os machos humanos formam coligações para a obtenção de recursos e é possível que a selecção natural tenha favorecido este tipo de estratégias agressivas se em algum momento os benefícios superaram os custos relativamente à fitness.

3. 2. A defesa contra ataques de conspecíficos

A existência de conspecíficos agressivos coloca um problema adaptativo para as possíveis vítimas. Estas podem perder os recursos valiosos para a sua sobrevivência e reprodução quando sofrem ataques de agressores, podem sofrer danos pessoais graves e até morrer durante os conflitos, e podem sofrer perdas significativas na posição social que ocupam o que, conseqüentemente, pode também aumentar a sua vulnerabilidade perante ataques futuros. A agressão defensiva pode ser uma resposta favorecida selectivamente.

3. 3. A competição intra-sexual

O êxito no acesso a membros do sexo oposto é o elemento mais valioso para o aumento da fitness. A agressão utilizada na competição por este tipo de recurso varia entre as querelas verbais e as lutas corporais que podem terminar com a morte. O produto favorável deste comportamento é o dano físico e/ou social causado aos rivais

do mesmo sexo que subsequentemente se tornam menos habilitados ou menos desejáveis pelos membros do sexo oposto (Buss, 1999).

3. 4. O estatuto social e as hierarquias de dominância

Juntamente com as hipóteses sugeridas anteriormente decorre o papel relevante que a agressividade pode ter no aumento do estatuto nas hierarquias sociais humanas. Por exemplo, os homens Ache do Paraguai e os Yanomamö da Venezuela realizam lutas rituais entre si e os que sobreviverem a um maior número de lutas são admirados e temidos, e conseqüentemente adquirem mais poder social (Chagnon, 1983; Hill & Hurtado, 1996; citados por Buss, 1999). Contudo, como se depreende dos processos de socialização observados em tantas culturas, esta função da agressão não tem vantagens em todos os contextos sociais e por isso Buss (1999) propõe que o aspecto chave nesta hipótese é a especificação de mecanismos psicológicos sensíveis aos contextos sociais nos quais a agressão compensa.

3. 5. A infidelidade sexual

O ciúme sexual masculino tem sido considerado como a principal causa elicitante da violência doméstica. Estudos efectuados neste contexto (Daly, Wilson, & Weghorst, 1982; in Buss, 1999) sugerem que a agressão e a ameaça de agressão são utilizadas para impedir a infidelidade sexual, e deste modo os machos asseguram a paternidade da descendência.

4. Como se Mede a Agressividade em Humanos?

Como os incidentes de agressividade humana são difíceis de registrar e de medir directamente no momento em que ocorrem, os cientistas recorrem a métodos indirectos que podem dividir-se, geralmente, em procedimentos de laboratório através dos quais simulam as situações que caracteristicamente geram o comportamento agressivo na natureza (Berkowitz, 1999), e em relatos de comportamentos agressivos obtidos pelos sujeitos que o realizam. Este segundo método pode subdividir-se em descrições de acontecimentos específicos, em assinalar reacções a cenários hipotéticos - Aggressive Provocation Questionnaire (O'Connor et al., 2001) - ou em tendências para agir/reagir agressivamente - Questionário de Agressividade (Buss & Perry, 1992), Escala de Agressão Directa e Indirecta (Björkqvist et al., 1992); ou em técnicas projectivas como o Teste de Rorschach (Baity & Hilsenroth, 1999). Além destes exemplos de medidas existem muitos outros (para referências de questionários de hostilidade pode consultar-se por exemplo Barefoot, 1992).

Entre estas medidas, o Questionário de Agressividade (Buss & Perry, 1992) e a Escala de Agressão Directa e Indirecta (Björkqvist et al., 1992) têm sido utilizados por investigadores de diferentes nacionalidades e traduzidos para várias línguas (Morren et al., 2002). São medidas de respostas com um formato do tipo-Likert que envolvem no primeiro caso, quatro sub-escalas que medem a agressão física e verbal, a raiva, e a hostilidade, e no segundo caso três sub-escalas que medem a agressão física, verbal e indirecta; além disso esta última escala possui uma forma de auto-preenchimento (Auto-Avaliação) e uma forma de preenchimento pelos pares (Hetero-Avaliação).

4.1. Objectivos

A investigação demonstra que indivíduos que apresentam elevados níveis de hostilidade estão sujeitos a um maior risco de desenvolver doenças cardíacas coronárias (Powell, 2000). Além disso, a agressividade em crianças é preditiva de desordens na adolescência e de ocorrência posterior de comportamento criminal.

Indivíduos agressivos podem beneficiar de programas de treino de gestão da raiva ou do comportamento agressivo evitando estas consequências e diminuindo também o risco de mortalidade associado às doenças coronárias. Contudo os sujeitos não podem participar nestes tratamentos se não forem identificados e para isso é necessário um instrumento de avaliação adequado (Morren et al., 2002). É possível que estes questionários constituam exemplos de um tal instrumento.

O objectivo do primeiro estudo desenvolvido neste trabalho é pois:

- Validar o constructo da Escala de Agressão Directa e Indirecta (DIAS) e do Questionário de Agressividade (QA) em estudantes universitários da população portuguesa.

O desejo de aceitabilidade social, entre outros métodos, pode ser usado para avaliar a validade do constructo em medidas da agressividade como proposto por Selby (citado in Morren et al., 2002), por Björkqvist, e por Österman (Björkqvist et al., 1992; Österman, 1999). Assim se auto-avaliações e hetero-avaliações forem comparadas através de uma medida de discrepância proposta pelos autores esperamos encontrar auto-avaliações com valores negativos, uma vez que o comportamento agressivo não é um dos comportamentos socialmente desejáveis e os indivíduos tendem a estimar-se de modo socialmente desejável (Österman, 1999). Além disso, as teorias evolucionistas prevêem níveis mais elevados de agressividade em homens jovens. Estas predições foram confirmadas em vários estudos que usaram o QA e a DIAS. Por exemplo, foram obtidos valores mais elevados para a agressão física, agressão verbal e hostilidade em homens quando comparados com mulheres (Archer, 1995; Archer et al., 1995a; citados in Morren et al., 2002; Buss & Perry, 1992; Björkqvist et al., 1992; Österman, 1999), as mulheres obtêm valores mais elevados do que os homens nas medidas de agressão indirecta (Björkqvist et al., 1992; Österman, 1999), e a agressividade está negativamente correlacionada com a idade (Morren et al., 2002; von Pahlen et al., 2002).

Uma vez que a amostra se compõe por sujeitos jovens de ambos os sexos, o segundo estudo deste trabalho tem como objectivo investigar:

- Diferenças entre os sexos na agressividade.
- Efeitos de idade no comportamento agressivo.
- Índices de discrepância entre auto e hetero-avaliações na DIAS.
- Concordância entre auto e hetero-avaliações na DIAS.

PARTE II. MÉTODOS

5. ESTUDO 1

VALIDAÇÃO DOS INSTRUMENTOS DE MEDIDA

Nota introdutória

Os traços de personalidade podem ser classificados através de procedimentos empíricos de análise de factores de ordem superior, e de análises de clusters que reúnem uma multidão de características num pequeno número de traços designados, portanto, de ordem superior. A análise factorial trata como dimensões estes traços de ordem superior e permite que uma única característica sature mais do que uma dimensão. A maior parte das análises de clusters tem como resultado categorias discretas e não sobrepostas de características de ordem inferior. A classificação empírica pode ser exemplificada pela extensa investigação de Cattell que começou com mais de 18.000 termos para traços, que Allport e Odbert posteriormente compilaram e reduziram a 16 traços, inicialmente eliminando sinónimos e depois através de análises de clusters e análises de factores. Este conjunto de traços está agora organizado no Questionário de 16 Factores da Personalidade (16 PF) de Cattell (Buss & Finn, 1987).

5. 1. Amostra

A amostra é constituída por 176 sujeitos do sexo feminino e 133 sujeitos do sexo masculino, num total de 309 indivíduos, estudantes do ensino superior privado e público, com uma média de idades de 22 anos e um desvio padrão de 4.99. Este total obteve-se pela recolha de amostras sucessivas em instituições de várias localidades de Portugal continental desde Novembro de 2002 até Maio de 2003.

A amostra inicialmente recolhida era composta por 399 sujeitos mas 90 destes foram eliminados porque os dados obtidos eram inválidos para as análises requeridas.

5. 2. Variáveis

As variáveis a medir são as seguintes:

- Agressão Física; Agressão Verbal e Agressão Indirecta. Definidas e medidas através da Escala de Agressão Directa e Indirecta (DIAS) de Björkqvist et al. (1992).
- Agressão Física; Agressão Verbal; Raiva; Hostilidade. Definidas e medidas através do Questionário de Agressividade (QA) (Buss & Perry, 1992).

As variáveis independentes são:

- Sexo; Idade.

5. 3. Os Instrumentos de Medida

(A) Escala de Agressão Directa e Indirecta (DIAS)

A DIAS (Björkqvist et al., 1992) é constituída por 24 itens, em forma interrogativa, cujas respostas são assinaladas numa escala do tipo-Likert de 5 pontos relativa à frequência de ocorrência do comportamento agressivo, desde 0 (nunca) até 4 (sempre). Ao sujeito é pedido que diga como actua quando se zanga/ou quando tem problemas com um colega. Isto produz valores para a escala total entre 0 e 96. A escala é composta por três sub-escalas: Agressão Física (7 itens), Agressão Verbal (5 itens), e Agressão Indirecta (12 itens), que representam três factores (Björkqvist et al., 1992).

Uma razão pela qual o comportamento agressivo tem sido pouco estudado é a falta de instrumentos de medida adequados. Estudar por exemplo a agressão indirecta em adultos utilizando os meios usuais de observação é muito difícil e facilmente suscita dúvidas acerca da fiabilidade dos dados obtidos. Um passo na evolução da resolução destas limitações foi o desenvolvimento do paradigma da hetero-avaliação. Esta técnica permite ainda diminuir alguns dos problemas que surgem com as interpretações transculturais pois as avaliações são feitas dentro da própria cultura de acordo com as suas normas e características, a partir dos indivíduos que a constituem, sem sofrerem portanto enviesamentos do observador.

(B) Questionário de Agressividade

De acordo com a classificação proposta por Buss & Finn (1987), com base nos aspectos do comportamento os traços da personalidade são segregados na dimensão instrumental, afectiva e cognitiva. A dimensão instrumental refere-se ao comportamento que tem impacto no ambiente, a dimensão afectiva é o comportamento que possui uma forte componente emocional, e a cognitiva refere-se à parte do comportamento que envolve o processamento de informação, o raciocínio, a imaginação, ou qualquer dos processos usualmente denominados cognitivos. Neste sentido a agressão, na forma física e verbal é classificada como um traço instrumental social que envolve tentativas de controlar os outros, muitas vezes pelo confronto directo que pode conduzir ao conflito. Um item típico da agressão física é “Envolve-me em brigas mais frequentemente do que a maioria das pessoas”, e um item típico da agressão verbal é “Quando as pessoas me aborrecem digo-lhes o que penso delas”.

O Questionário de Agressividade foi construído a partir do Questionário de Hostilidade criado por Buss & Durkee (1957), porque este não preenchia os standards psicométricos embora fosse um dos questionários mais frequentemente utilizados na investigação sobre a agressão (Buss & Perry, 1992). É composto por 29 itens aos quais o sujeito responde numa escala de Likert de 5 pontos, desde 1 (completamente diferente de mim) até 5 (igual a mim). Os valores obtidos na escala total podem variar entre 29 e 145. O questionário possui quatro sub-escalas: Agressão Física (9 itens), Agressão Verbal (5 itens), Raiva (7 itens) e Hostilidade (8 itens), que representam quatro factores (Buss & Perry, 1992). O sujeito deve assinalar na escala a forma como habitualmente reage.

As utilizações deste instrumento têm permitido observar que muitos dos traços estão conceptualmente associados entre si. Entre homens e mulheres há várias diferenças a este respeito, maioritariamente nos traços instrumentais da personalidade. Os homens obtêm valores mais elevados nos índices de dominância, rebeldia e agressão, todos os traços concernentes ao conflito e ao confronto, mas não há diferenças para os traços mais subtis de poder como o maquiavelianismo e a manipulação de informação social (Buss & Perry, 1992).

5. 4. PROCEDIMENTO

5. 4.1. Tradução e Adaptação dos Instrumentos

Os questionários foram traduzidos para a língua portuguesa a partir da versão original americana no caso do Questionário de Agressividade, e da versão espanhola da DIAS. Este processo foi efectuado por dois especialistas independentes, e as traduções foram posteriormente entregues a outros dois tradutores que realizaram as suas retroversões sem conhecimento dos questionários originais. As versões foram então comparadas e os instrumentos redigidos.

5. 4.2. Recolha dos Dados

Após a tradução e adaptação dos instrumentos realizou-se um teste piloto a uma amostra constituída por 60 sujeitos (30 sujeitos do sexo masculino e 30 sujeitos do sexo feminino) na Escola Superior de Tecnologias de Gestão, Arte e Design, nas Caldas da Rainha. Os objectivos desta fase eram os seguintes:

- i) Avaliar a clareza da estrutura morfológica, gramatical e de conteúdo dos itens que formavam as sub-escalas dos questionários.
- ii) Verificar se a adaptação à população portuguesa era adequada.
- iii) Determinar o tempo necessário para a realização de uma bateria com estas características e dimensões.

Cada sujeito preencheu uma bateria composta por:

- 1 Questionário de Agressividade.
- 1 Escala de DIAS de auto-avaliação.
- 3 Escalas de DIAS de hetero-avaliação.

Os dois instrumentos foram dispostos alternadamente para evitar efeitos de ordem.

As baterias foram aplicadas directamente pelo investigador a três turmas de alunos que as preencheram na sua presença. Este explicava sucintamente aos sujeitos qual era o objectivo do estudo, a duração estimada para o preenchimento dos questionários (acerca do seu comportamento e do comportamento de três dos seus colegas), e pedia-lhes que individualmente participassem qualquer dúvida que

surgisse durante a realização da tarefa assim como qualquer alteração que considerassem necessária para uma melhor compreensão do material, estas alterações também podiam ser assinaladas directamente nas folhas de resposta. O tempo começava a ser contado após esta introdução.

Daqui concluiu-se que o tempo necessário para o preenchimento da bateria composta pelos dois instrumentos varia entre 15 e 25 minutos. A estrutura de um dos itens da DIAS foi alterada tornando-o mais adaptado à realidade tecnológica actual, a distribuição dos itens foi alterada no caso do Questionário de Agressividade para maximizar a variabilidade na sucessão de itens pertencentes às diferentes sub-escalas.

O procedimento foi idêntico para a situação experimental, isto é, para a aplicação dos questionários após as reformulações necessárias efectuadas e o tempo para o preenchimento dos mesmos ter sido aferido.

O tratamento estatístico será sumariamente descrito no ponto seguinte e é relativo a ambos os questionários.

5. 4. 3. Tratamento Estatístico

Um dos objectivos deste trabalho, como já referido, é aferir ambas as escalas para a população portuguesa, ou seja, verificar se elas medem adequadamente uma variável latente – a agressividade - nesta população.

Uma variável latente é uma variável definida por um conjunto de outras variáveis, designadas por dimensões, factores ou componentes uma vez que são elas que constituem essa variável latente (Hill & Hill, 2002). Estas variáveis podem ser medidas através de questões num questionário que recebem tecnicamente o nome de *itens*.

Para que uma medida seja adequada deve ser:

1) Uma medida com **validade** adequada, isto é, deve medir a variável que o investigador pretende medir e não outra. Há vários tipos de validade, especificamente a validade de conteúdo, a validade teórica, e a validade prática (Hill & Hill, 2002). Devido às limitações temporais e objectivos do nosso estudo optou-se pela avaliação da validade teórica através do conjunto de técnicas estatísticas designadas por Análise Factorial (Hill & Hill, 2002; Maroco, 2003).

O objectivo da análise é seleccionar os itens que estão mais relacionados com o constructo, neste caso a agressividade. Para alcançar este objectivo é útil avaliar como cada item se relaciona com o seu próprio constructo, por exemplo a agressão física, e como cada item se relaciona com outros constructos semelhantes ou associados, por exemplo a agressão indirecta. Cada constructo é conceptualizado como unidimensional. O resultado desejável é que todos os itens que medem o mesmo constructo o saturem ou “carreguem” juntos, podendo isso observar-se através dos valores obtidos. O propósito da análise factorial é identificar o menor número possível de constructos necessários para reproduzir os dados originais (Gorsuch, 1997).

A relação de cada variável (item) com cada um dos factores mostra se o item apenas está relacionado com um factor ou com mais do que um. Os itens mais claramente relacionados apenas com um factor (obedecendo a critérios estabelecidos previamente) podem ser recomendados como uma escala para o constructo subjacente a esse factor (Gorsuch, 1997).

Daqui resultam as seguintes hipóteses operacionais:

DIAS: H_1 = As três sub-escalas de agressividade definem três factores numa análise factorial.

QA: H_1 = As quatro sub-escalas de agressividade definem quatro factores numa análise factorial.

2) Uma medida adequada além disso deve ser uma medida com **fiabilidade** adequada. Mediante as características de um mestrado, e uma vez que existem várias definições de consistência e métodos para a sua estimação define-se que, na presente dissertação, uma medida fiável é uma medida com consistência interna adequada e utilizar-se-á como método a Estimação de Fiabilidade Interna Alfa (α) de Cronbach.

A técnica *split-half* consiste em dividir os itens do questionário em duas partes iguais A e B, uma vez aplicado à amostra de sujeitos, e posteriormente calcular o valor observado para cada pessoa e para cada parte (A e B). O coeficiente de fiabilidade estima-se então usando o coeficiente de correlação entre as duas partes. No entanto surgem alguns problemas com esta técnica. Primeiro, após a partição cada parte é composta por um número muito reduzido de itens o que aumenta o erro amostral. Segundo, a partição do questionário é arbitrária e diferentes partições

podem conduzir a diferentes estimativas do coeficiente de fiabilidade (Hill & Hill, 2002).

A técnica de Estimação de Fiabilidade Interna (α) de Cronbach estima o coeficiente de fiabilidade interna como o valor médio de todos os coeficientes possíveis obtidos através da estimação tipo *split-half*. Assim, a segunda operacionalização das hipóteses gerais contidas nos objectivos é:

DIAS: H₁ = As três componentes de agressividade constituem uma medida de agressividade com coeficiente de fiabilidade interna (α) adequado.

QA: H₁ = As quatro dimensões de agressividade compõem uma medida de agressividade com coeficiente de fiabilidade interna (α) adequado.

O programa de estatística utilizado para o tratamento dos dados em ambos os estudos foi o SPSS (Statistical Package for Social Sciences, Versão 11.0).

6. ESTUDO 2

VARIAÇÃO NA AGRESSIVIDADE EM FUNÇÃO DO SEXO

6. 1. Amostra e Procedimento

Uma vez efectuada a adaptação e validação dos instrumentos de medida do comportamento agressivo procedeu-se à investigação acerca das diferenças sexuais e do efeito da idade neste comportamento. Além disso investigou-se a concordância entre as auto-avaliações e as avaliações executadas pelos pares na DIAS, e também os índices de discrepância obtidos através desta utilizando uma amostra com outras características, especificamente uma amostra com 570 indivíduos com idade média de 22 anos e desvio padrão 4.99 constituída por 397 mulheres e 173 homens. O procedimento relativo à recolha dos dados é o mesmo que o descrito anteriormente.

PARTE III. RESULTADOS

ESTUDO 1

7. Apresentação dos Resultados**DIAS****7.1. Análise Factorial**

O valor obtido pela medida de adequação da amostragem de Kaiser-Meyer-Olkin (.860) indica que as variáveis apresentam uma boa recomendação para a realização da análise factorial e o teste de esfericidade de Bartlett mostra que as variáveis estão correlacionadas significativamente ($gl=136$; $p=.000$) confirmando aquela conclusão.

A matriz de correlações foi submetida à análise de componentes principais pois não havia qualquer assunção da proveniência dos dados de uma distribuição normal multivariada, e usou-se o método Varimax de rotação porque se pretendia encontrar factores específicos. Para seleccionar os itens significativos em cada componente e interpretar o número de componentes a reter optou-se pelos seguintes critérios:

a) Valores próprios superiores a 1, “pois cada componente principal seleccionada deve explicar pelo menos tanta variância quanto cada uma das variáveis originais, que no caso de variáveis standardizadas é 1” (Maroco, 2003).

b) Teste de Scree, ou seja, a representação gráfica de cada uma das componentes.

c) A correlação de cada item com cada factor, na matriz factorial: Cada item tem que ter um peso factorial mínimo de .50 no seu factor e um peso inferior a .35 em qualquer outro factor.

A análise extraiu 3 dimensões como número máximo de dimensões possíveis:

- Agressão Física, que corresponde a 33.757% da variância total.
- Agressão Indirecta que explica 14.159% da variância total.

- Agressão Verbal que corresponde a 8.295% do total da variância.

Sete itens foram retirados por não satisfazerem os critérios estabelecidos (A matriz com todos os itens encontra-se no Anexo 1). A saturação dos itens nas diferentes dimensões está apresentada na Tabela 1.

Tabela 1: Saturação dos itens nos três factores da agressividade.

Saturação dos Itens nos Factores

Itens	Agressão Física	Agressão Indirecta	Agressão Verbal
- Bate-lhe?	.759	5.957E-02	.250
- Dá-lhe pontapés?	.851	9.686E-02	9.913E-02
- Prega-lhe uma rasteira?	.611	.219	-9.403E-02
- Ameaça que lhe vai bater?	.596	7.463E-02	.468
- Empurra-o(a)?	.713	9.704E-02	.368
- Empurra-o(a) e fã-lo(a) cair ao chão?	.809	.207	-2.192E-02
- Puxa-o(a)?	.774	.121	.144
- Grita ou discute com ele(a)?	.188	5.255E-02	.661
- Insulta-o(a)?	.270	.265	.681
- Arrelia-o(a) ou goza com ele(a)?	-2.416E-02	.314	.761
- Cria boatos sobre o(a) colega com quem está zangado(a)?	.306	.683	-.113
- Fala mal ou diz mentiras sobre ele(a)?	.104	.651	7.602E-02
- Fala mal dele(a) nas suas costas?	-.133	.680	.266
- Inventar-lhe alcunhas?	3.076E-02	.567	.359
- Conta os segredos dele(a) a outras pessoas?	.183	.688	5.659E-02
- Escreve papelinhos ou mensagens (SMS/e-mail) onde o(a) outro(a) é criticado?	.209	.572	.136
- Critica-lhe o penteado e a roupa ou forma de vestir?	.132	.661	.220

7. 2. Consistência Interna

A consistência interna das três sub-escalas e da escala total foi avaliada pelo coeficiente de fiabilidade interna Alfa de Cronbach (α). Para a sub-escala de agressão física obteve-se o coeficiente: .8730, para a agressão verbal: .6910, e para a agressão indirecta: .7926. O valor de alfa corresponde a: .8504, e o valor do alfa standardizado para a escala total é igual a: .8734.

Os resultados da análise da fiabilidade são apresentados seguidamente:

Tabela 2: Valores obtidos para os 17 itens através da análise de fiabilidade.

Itens	Média com o item eliminado	Variância da escala com o item eliminado	Correlação total item-escala	Coefficient e de determinação múltipla	Alfa com o item eliminado
1	7,9088	42,3205	,5103	,5926	,8430
2	6,4155	39,9386	,3878	,2882	,8480
3	7,9459	42,3496	,5064	,6444	,8431
4	7,2061	37,5269	,5984	,4626	,8347
5	7,8649	41,9613	,4815	,4304	,8429
6	7,9054	42,7436	,3599	,3754	,8470
7	7,8480	42,3327	,4477	,3478	,8442
8	7,7162	39,5328	,5395	,5341	,8384
9	7,8446	40,8842	,5667	,5972	,8389
10	7,2466	39,5763	,4117	,3894	,8467
11	7,0169	38,0980	,4904	,3550	,8427
12	7,7804	41,0398	,5037	,3753	,8410
13	7,1182	37,7792	,5018	,4451	,8422
14	7,7838	40,5768	,4756	,3258	,8417
15	7,9730	42,9891	,4915	,6559	,8449
16	7,3142	38,1891	,5335	,4040	,8390
17	7,9223	42,2889	,5006	,6196	,8431

QUESTIONÁRIO DE AGRESSIVIDADE

Os critérios e o procedimento utilizados neste caso foram os mesmos que os indicados para a DIAS pelo que, para que não se torne uma exposição demasiado exaustiva os resultados são apresentados pela mesma sequência sem mais repetições. Apenas as hipóteses são lembradas para facilitar a leitura.

H_1 = As quatro sub-escalas de agressividade definem quatro factores numa análise factorial.

H_1 = As quatro componentes de agressividade constituem uma medida de agressividade com coeficiente de fiabilidade interna (α) adequado.

7.3. Análise Factorial

O valor obtido pela medida de adequação da amostragem de Kaiser-Meyer-Olkin (.820) recomenda a realização da análise factorial e o teste de esfericidade de Bartlett apresenta um *p-value* < 0.001 e portanto conclui-se que as variáveis estão significativamente correlacionadas.

A matriz de correlações foi submetida à análise de componentes principais e ao método Varimax de rotação.

Quatro factores surgiram como número máximo de factores possíveis:

- Agressão Física com 24.544% da variância total explicada.
- Raiva que explica 10.327 da variância total.
- Hostilidade que corresponde a 8.324% da variância total.
- Agressão Verbal que apresenta 6.031% da variância total.

Da lista original de 29 itens, sete não satisfaziam os critérios mencionados, pelo que foram retirados (a matriz composta por todos os itens está apresentada no Anexo 3). Os restantes itens constituem a versão final do Questionário de Agressividade. Na Tabela 3 são apresentados os valores da análise.

Tabela 3: Saturação dos itens nos quatro factores da agressividade.

Itens	Saturação dos Itens nos Factores			
	Agressão Física	Raiva	Hostilidade	Agressão Verbal
... pessoas que me pressionaram tanto que chegámos a 'vias de facto'.	.644	4.834E-02	-1.050E-04	5.026E-02
... fiquei tão zangado(a) que parti coisas à minha volta.	.524	.197	.241	2.254E-03
... envolvo-me em brigas mais frequentemente do que a maioria das pessoas.	.691	.362	-.101	-1.572E-02
... por vezes não consigo controlar a vontade de bater noutra pessoa.	.662	.420	3.438E-02	-2.157E-02
... e for suficientemente provocado(a) sou capaz de bater noutra pessoa.	.752	1.967E-02	5.976E-02	.272
... e tiver que recorrer à violência para proteger os meus direitos fá-lo-ei.	.632	-6.901E-02	9.543E-02	.400
... fiz ameaças a pessoas que conheço.	.699	.114	7.477E-02	.120
... enfureço-me facilmente mas passa-me depressa.	.113	.733	6.175E-02	.156
... as vezes sinto-me como uma bomba prestes a explodir.	.239	.533	.364	.152
... tenho dificuldade em controlar o meu temperamento.	.195	.762	6.847E-02	9.410E-02
... sou uma pessoa calma e tranquila. *	-2.140E-02	.654	-.176	-4.509E-02
... quando me sinto frustrado(a), a minha irritação transparece facilmente.	3.659E-02	.522	.293	.173
... as vezes perco as estribeiras sem nenhuma razão aparente.	.170	.637	.263	-8.335E-02
... as vezes fico roído(a) de inveja.	8.245E-02	.190	.513	-.135
... parece que são sempre os outros que têm sorte na vida.	.105	-2.158E-02	.788	-5.492E-02
... as vezes penso que as pessoas se estão a rir de mim nas minhas costas.	-3.228E-03	.235	.544	.110
... por vezes acho que a vida não tem sido justa para comigo.	2.891E-02	-1.913E-02	.734	.108
... quando as pessoas me aborrecem digo-lhes o que penso delas.	.163	.179	-7.888E-02	.694
... quando estou em desacordo com os meus amigos digo-o abertamente.	4.454E-02	7.921E-02	-.182	.708
... discordo frequentemente das outras pessoas.	.234	.395	.184	.309

*A cotação deste item é invertida.

7. 4. Consistência Interna

A consistência interna das quatro sub-escalas e da escala total foi avaliada pelo coeficiente de fiabilidade interna Alfa de Cronbach (α) (Tabela 4).

Para a agressão física obteve-se um alfa de .8177, para a agressão verbal o alfa corresponde a: .4711, na sub-escala de raiva o alfa obtido é: .7778 e para a hostilidade: .6259. O alfa obtido para a escala é: .8268, e o alfa standardizado para a escala total tem o valor: .8395.

Tabela 4: Valores obtidos para os 22 itens através da análise de fiabilidade.

Itens	Média com o item eliminado	Variância da escala com o item eliminado	Correlação total item-escala	Coefficiente de determinação múltipla	Alfa com o item eliminado
1	44,9966	116,2294	,3777	,3034	,8206
2	44,2423	110,0198	,4777	,4528	,8152
3	43,6621	113,0943	,3577	,2985	,8215
4	45,0922	119,9401	,2376	,2283	,8253
5	44,8089	111,2784	,4490	,3250	,8168
6	44,6143	117,3405	,2539	,4414	,8255
7	45,3925	117,3215	,5066	,6051	,8190
8	44,2355	108,2149	,5629	,4272	,8108
9	45,3208	115,9652	,5712	,6346	,8167
10	44,6621	111,6971	,5347	,4909	,8136
11	42,7713	117,6016	,2047	,2377	,8284
12	44,6348	117,0340	,3003	,2440	,8234
13	44,7611	110,2372	,5229	,5043	,8133
14	44,0239	116,5097	,2301	,1094	,8277
15	43,6212	116,3389	,2049	,2669	,8302
16	43,7509	112,2288	,4153	,2712	,8185
17	43,5017	109,4015	,4098	,3914	,8195
18	44,4130	116,4145	,2564	,4056	,8259
19	44,3788	109,5649	,4597	,4932	,8162
20	44,9966	113,4555	,5035	,4318	,8156
21	44,9829	114,2360	,4491	,4136	,8176
22	44,5324	113,3114	,4708	,2909	,8165

7. 5. Relação entre Auto e Hetero-Avaliações

A literatura sugere que pode haver uma plataforma comum entre auto-avaliações e avaliações da agressividade obtidas pelos pares. As hetero-avaliações fornecem informação a partir de uma fonte externa que pode ser comparada com as auto-avaliações.

Os resultados da análise não-paramétrica de Spearman são apresentados a seguir, uma vez que pelo teste Kolmogorov-Smirnov não se verificam os pressupostos da normalidade da distribuição, também não existe homogeneidade da variância e como tal, as condições necessárias para a aplicação de testes paramétricos não são satisfeitas.

Tabela 5: Correlações de Spearman entre Auto e Hetero-avaliações utilizando a DIAS.

Auto Hetero	Total	Agressão Física	Agressão Verbal	Agressão Indirecta
Total				
r_s	.366	.177	.346	.283
p	.000	.000	.000	.000
N	474	481	482	482
Agressão Física				
r_s	.252	.235	.282	.093
p	.000	.000	.000	.000
N	479	486	487	487
Agressão Verbal				
r_s	.346	.191	.344	.217
p	.000	.000	.000	.000
N	479	486	487	487
Agressão Indirecta				
r_s	.327	.094	.271	.333
p	.000	.037	.000	.000
N	483	490	491	491

Há correlações positivas significativas ($p < .05$) entre todas as sub-escalas, embora os valores de r sejam relativamente baixos.

Não descurando as conhecidas limitações existentes relativamente às avaliações executadas por pares, estes dados fornecem evidências úteis para a validade do constructo.

8. ESTUDO 2

8. 1. Escala de Agressão Directa e Indirecta (DIAS)

As médias e as medidas de dispersão dos valores obtidos para a escala total e para as sub-escalas correspondentes estão apresentadas a seguir (Figs. 1 e 2).

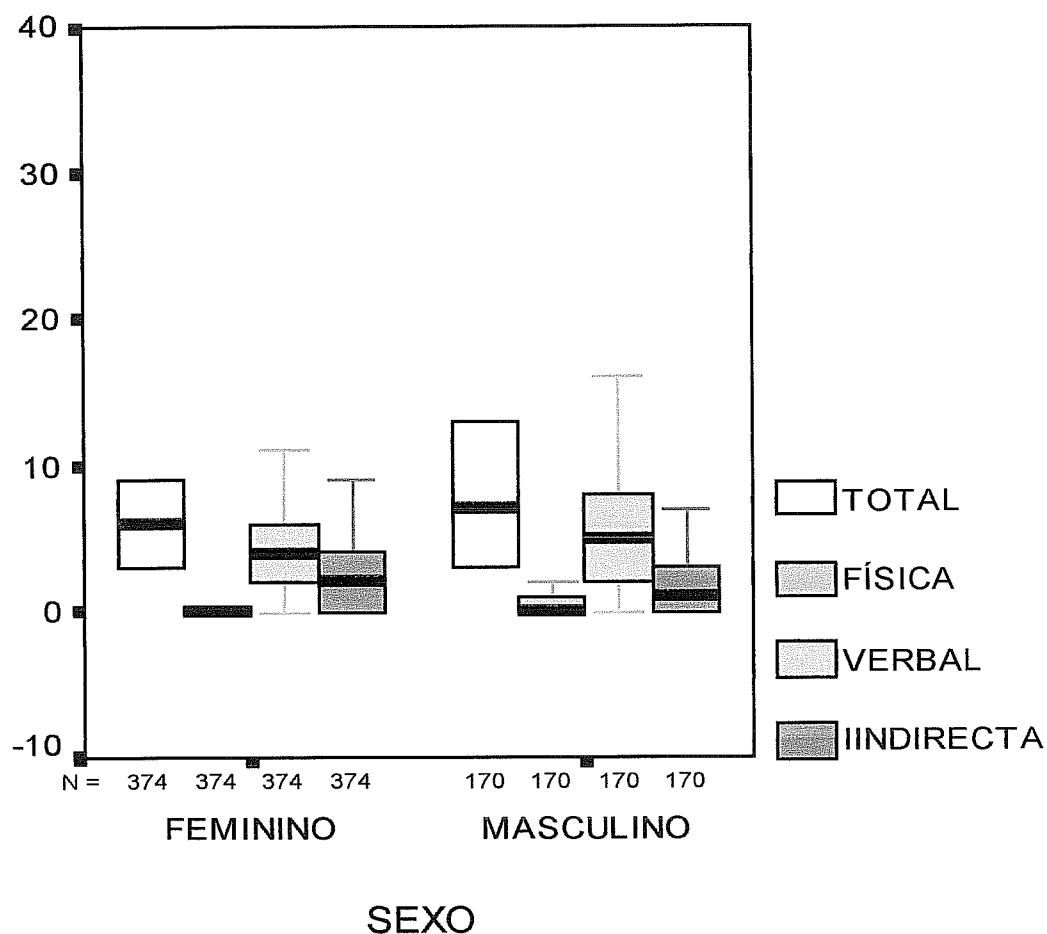


Fig. 1: Representação gráfica da média, erro padrão e desvio padrão dos totais obtidos na escala de Auto-avaliação e nas respectivas sub-escalas nos sujeitos amostrados.

Nas auto-avaliações, os homens mostram valores mais elevados na sub-escala de Agressão Física, de Agressão Verbal, e na Escala Total, enquanto as mulheres obtêm valores superiores na sub-escala de Agressão Indirecta.

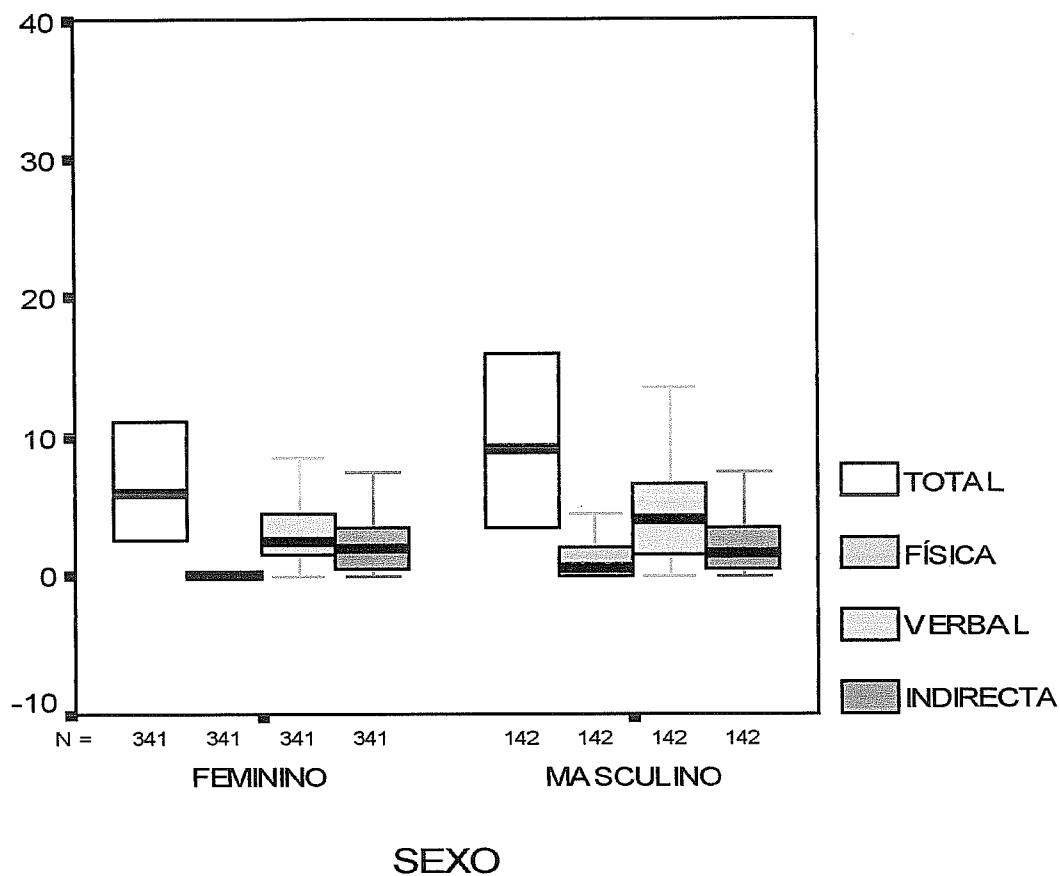


Fig. 2: Representação gráfica da média, erro padrão e desvio padrão dos totais obtidos na escala de Hetero-avaliação e nas respectivas sub-escalas nos sujeitos amostrados.

Nas hetero-avaliações verificamos que os valores são mais elevados nos sujeitos masculinos comparativamente com os sujeitos do sexo feminino na escala total e em todas as sub-escalas.

Com base na revisão da literatura apresentada na primeira parte do presente trabalho e na análise exploratória dos dados, uma possibilidade que emerge é que os homens são mais agressivos do que as mulheres.

Esta pode ser reformulada numa hipótese testável: Os valores obtidos são afectados por diferenças na agressividade entre classes sexuais.

A partir desta hipótese algumas predições podem ser derivadas:

Predição 1 - Para auto e hetero-avaliações, os scores da escala total serão maiores nos homens (Grupo 1) do que na mulheres (Grupo 2).

H_0 = Não há diferenças significativas entre os sexos nos scores da escala total da DIAS.

Predição 2 – Para ambas as formas da DIAS, os scores da sub-escala de agressão física e verbal serão mais elevados nos homens do que nas mulheres.

H_0 = Em ambas as formas da DIAS não se observam diferenças significativas nas sub-escalas de agressão física e verbal entre homens e mulheres.

Predição 3 – Na DIAS (auto e hetero-avaliação) as mulheres obterão scores superiores na sub-escala de agressão indirecta.

H_0 = Entre sujeitos do sexo masculino e sujeitos do sexo feminino não há diferenças significativas na sub-escala de agressão indirecta.

Para testar as hipóteses realizou-se o teste não paramétrico Mann-Whitney U.

Nas Auto-avaliações há diferenças significativas no comportamento agressivo entre homens e mulheres na sub-escala de Agressão Física ($Z = -6.112$; $p = .000$), na sub-escala da Agressão Verbal ($Z = -3.387$; $p = .001$), na sub-escala de Agressão Indirecta ($Z = -1.893$; $p = .058$) e na Escala Total ($Z = -2.254$; $p = .024$).

Nas Hetero-avaliações há diferenças significativas entre os sexos em todas as escalas excepto na Agressão Indirecta ($Z = -.125$; $p = .900$). Na sub-escala de Agressão Física há diferenças significativas ($Z = -7.975$; $p = .000$), na sub-escala de Agressão Verbal ($Z = -3.999$; $p = .000$) e também na Escala Total ($Z = -3.470$; $p = .001$).

8. 2. Questionário de Agressividade

Na Fig. 3 são apresentados os dados relativos às diferenças entre os sexos nas diferentes sub-escalas do Questionário de Agressividade de Buss & Perry.

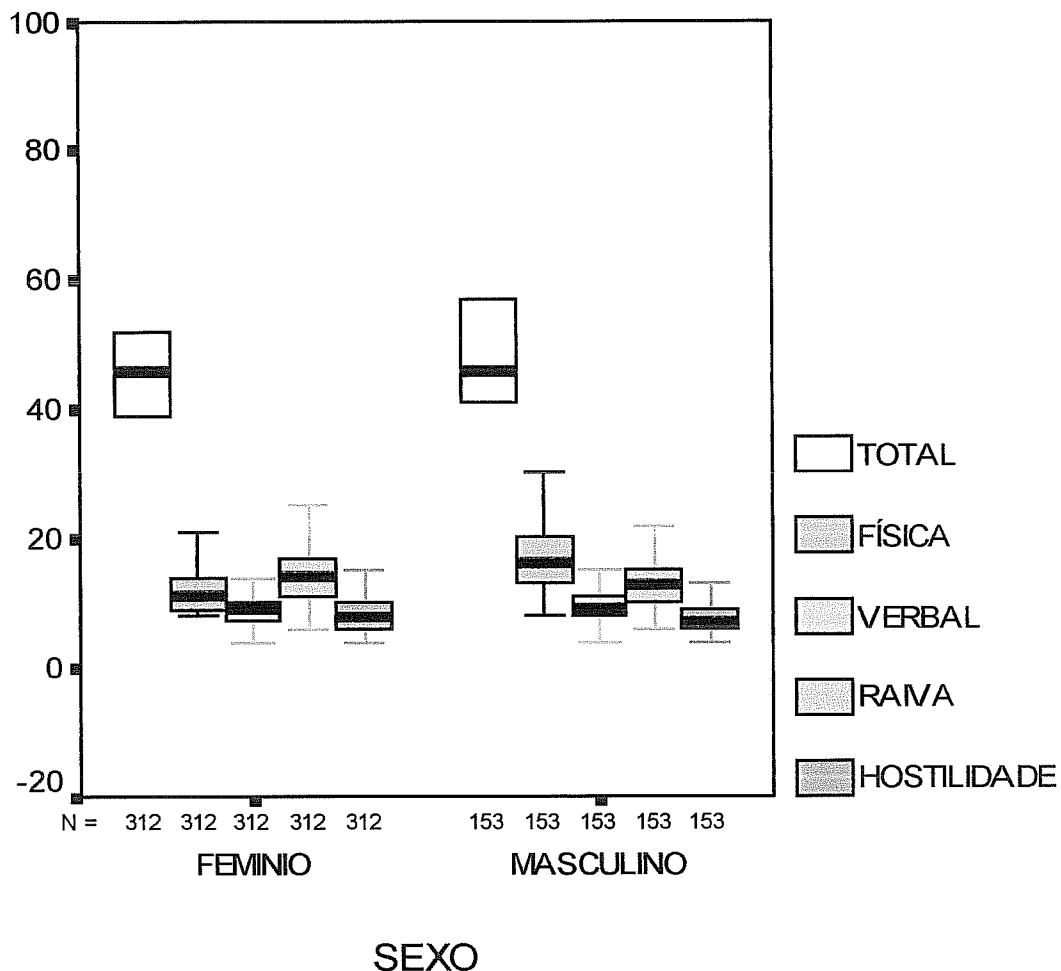


Fig. 3: Representação gráfica da média, erro padrão e desvio padrão dos totais obtidos na escala total e nas sub-escalas do Questionário de Agressividade nos sujeitos amostrados.

Os homens mostram valores mais elevados na escala Total, na sub-escala da Agressão Física, e na Agressão Verbal, enquanto as mulheres obtêm valores superiores na sub-escala da Raiva e da Hostilidade.

Também com este instrumento de medida surge a hipótese de existência de diferenças no comportamento agressivo entre os sexos. Ainda tendo em atenção a revisão bibliográfica são apresentadas algumas predições derivadas desta hipótese:

Predição 4 - Os homens obterão scores significativamente mais elevados do que as mulheres na escala total e nas respectivas sub-escalas de agressão física e verbal.

H_0 = No QA não há diferenças significativas entre os sexos na escala total, nem nas sub-escalas de agressão física e verbal.

Predição 5 – As mulheres apresentarão pontuações significativamente mais elevadas do que os homens na sub-escala de raiva.

H_0 = Não há diferenças significativas entre homens e mulheres na sub-escala de raiva do QA.

Verifica-se que as diferenças são significativas na Escala Total ($Z = -1.912$; $p = .056$), na sub-escala de Agressão Física ($Z = -8.882$; $p = .000$) e na sub-escala da Raiva ($Z = -3.890$; $p = .000$). Não há diferenças significativas na sub-escala de Agressão Verbal ($Z = -1.264$; $p = .206$) nem na sub-escala de Hostilidade ($Z = -1.210$; $p = .226$).

8. 3. Índice de Discrepância

O índice de discrepância define-se do seguinte modo:

É o resultado obtido pelos valores das auto-avaliações menos os valores das hetero-avaliações ($ID = \text{Auto} - \text{Hetero}$), e é usado como um indicador das normas relativas a qualquer comportamento medido numa dada cultura. Como os indivíduos tendem a avaliar-se de maneira socialmente desejável, os valores do ID provavelmente são positivos quando o comportamento é percebido como socialmente aceitável na sociedade ou grupo em questão, e negativos quando o comportamento é percebido como indesejável (Österman, 1999).

Os valores obtidos com a escala total (DIAS) são os seguintes:

Índice de Discrepância para os **Homens** = -3.63.

Índice de Discrepância para as **Mulheres** = -1.

Relativamente a cada sub-escala os homens obtiveram os seguintes valores:

Índice de Discrepância para a Agressão Física = -.74.

Índice de Discrepância para a Agressão Indirecta = -.59.

Índice de Discrepância para a Agressão Verbal = .61.

Os índices correspondentes obtidos pelas mulheres são os seguintes:

Índice de Discrepância para a Agressão Física = -.1.

Índice de Discrepância para a Agressão Indirecta = -.18.

Índice de Discrepância para a Agressão Verbal = .84.

8. 4. Efeito da Idade no Comportamento Agressivo

A agressão física, verbal e indirecta não são apenas diferentes estratégias mas constituem também diferentes estádios do desenvolvimento que parcialmente se sucedem, e sobrepõem ao longo da vida. Com base nas teorias do desenvolvimento do processamento da informação social referidas na introdução, (Crick & Dodge, 1996), e em dados obtidos noutros estudos (Österman, 1999; Björkqvist et al., 1997) era também de esperar que os valores obtidos pelos sujeitos nas sub-escalas da DIAS se correlacionassem negativamente com a variável demográfica Idade, e que esta correlação fosse significativa.

Hipótese: Os valores obtidos na DIAS dependem da idade dos sujeitos.

Predição 6 – Os scores obtidos na DIAS diminuirão com o aumento da idade dos sujeitos.

Os resultados da análise de correlação são apresentados nas Tabelas 6 e 7.

Tabela 6: Coeficientes de correlação de Spearman entre as variáveis indicadas e a variável Idade para os sujeitos do sexo feminino (N = 396).

IDADE	AUTO-AVALIAÇÃO				HETERO-AVALIAÇÃO			
	Total	Física	Verbal	Indirecta	Total	Física	Verbal	Indirecta
r_s	-.0536	.0840	-.0409	-.0884	-.0515	.0507	-.0926	-.0839
p	.288	.095	.416	.078	.305	.313	.065	.095

Os resultados demonstram que não há correlações significativas entre a idade e qualquer sub-escala de agressividade nas mulheres.

Tabela 7: Coeficientes de correlação de Spearman entre as variáveis indicadas e a variável Idade para os sujeitos do sexo masculino (N = 173).

IDADE	AUTO-AVALIAÇÃO				HETERO-AVALIAÇÃO			
	Total	Física	Verbal	Indirecta	Total*	Física*	Verbal*	Indirecta
r_s	-.1106	-.1280	-.1219	-.0765	-.1486	.2042	-.2418	-.1382
p	.147	.093	.109	.316	.051	.007	.001	.069

Pelos resultados é possível verificar que nos homens existem diferenças significativas na versão de hetero-avaliação na escala total, e nas sub-escalas de agressão física e de agressão verbal.

PARTE IV. DISCUSSÃO & CONCLUSÕES

9. a) Escala de Agressão Directa e Indirecta

Todos os itens incluídos na sub-escala de Agressão Física são os propostos pelos autores. Embora o item “Ameaça que lhe vai bater?” surja com peso na sub-escala de Agressão Verbal (na qual os autores o inserem) é na Agressão Física que manifesta maior saturação. Este facto pode dever-se à tradução a partir do original em espanhol ou pode ser devido à ameaça física a imediato, ou curto prazo implícita no item embora comportamentalmente a sua manifestação seja verbal.

O item “Tira-lhe (ou esconde-lhe) coisas?” foi excluído porque inicialmente não saturava qualquer dimensão (nos Anexos pode consultar-se a Tabela da análise com todos os itens, e o questionário original).

Todos os itens propostos pelos autores para a sub-escala de Agressão Verbal surgem com saturação nesta excepto o item 11 “Inventa-lhe alcunhas?”, que inicialmente surge associado aos itens da sub-escala de Agressão Indirecta (Tabela em Anexo 1). Este facto pode dever-se à falta de clareza do enunciado que embora represente um comportamento verbal não obriga que este seja directamente realizado para com o alvo da agressão, o que justifica a sua localização na sub-escala de Agressão Indirecta. Contudo, optou-se por se seguir a sugestão dos autores e este item é assim classificado na sub-escala de Agressão Verbal.

Na sub-escala de Agressão Indirecta os itens surgem com a associação proposta por Björkqvist et al. (1992) (Ver Tabela 1 apresentada anteriormente). Além destes, neste factor os autores incluem também os itens 2, 4, 6, 12, 16, 24 (Ver questionário original em anexo), que na análise surgem inicialmente associados entre si mas também com outros itens representativos da dimensão verbal, e independentes dos restantes itens de agressão indirecta. Estes são itens que traduzem distintamente a componente cognitiva do comportamento, que obviamente por ser uma parte não observável directamente levanta grandes dificuldades na avaliação pelos pares e coloca algumas dúvidas acerca da validade dos resultados obtidos por esse tipo de medida. Talvez por isso também estes itens surjam associados entre si e separados dos restantes, que embora representem uma forma indirecta de agressão envolvem visivelmente a componente comportamental e a utilização de outros sujeitos intervenientes na realização da agressão, que por sua vez tem por objectivo atingir

prejudicialmente um terceiro indivíduo. Este objectivo – danificar, e a forma específica de o concretizar – a manipulação social, é uma condição necessária e suficiente para que o comportamento se classifique como comportamento indirectamente agressivo, ou Agressão Indirecta.

Assim optou-se por se retirar os itens mencionados pois as limitações académicas e os objectivos do presente trabalho não permitiriam aventuras pelas buscas de definições conceptuais dos constructos eventualmente subjacentes a estes itens.

9. b) Questionário de Agressividade

Todos os itens que constituem a sub-escala de Agressão Física do presente questionário pertencem à sub-escala proposta pelos autores (Buss & Perry, 1992). O item 17 “Se alguém me bater bato-lhe também” é incluído nesta sub-escala embora apresente uma saturação ligeiramente inferior ao valor do critério selectivo (c) estabelecido a priori. Contudo, inicialmente encontrava-se agrupado com estes mesmos itens e com saturação suficiente no mesmo factor (0.523) e, deste modo, aqui incluído concorda com a estrutura dos autores (ver Tabela no Anexo 3 com o resultado da análise factorial com todos os itens). Os autores incluem ainda nesta sub-escala o item “Não consigo imaginar uma razão suficientemente boa para bater em alguém”, que foi retirado após a análise (Anexo 3) pois não saturava qualquer factor, o que significa que é redundante e a sua remoção aumenta a percentagem da variância explicada.

O mesmo sucedeu com os itens “Quando as pessoas estão em desacordo comigo não consigo deixar de discutir com elas”, e “Os meus amigos dizem que tenho a mania das discussões”, que inicialmente compunham a sub-escala de Agressão Verbal, passando esta a constituir-se apenas por três itens mas ainda assim satisfazendo os requisitos psicométricos relativos ao número aconselhável de itens para a composição de escalas (MacCallum et al., 1999) (pode consultar-se o conjunto total dos itens iniciais no questionário proposto pelos autores apresentado nos Anexos).

A sub-escala de Raiva apresenta a totalidade dos itens propostos pelos autores. Curiosamente, o item 8 “Às vezes sinto-me como uma bomba prestes a explodir” satura ligeiramente também a sub-escala de Hostilidade, o que sugere alguma

evidência para os modelos da emoção e da cognição expostos anteriormente, designadamente por Sherer (1994), Averill (1994) e Berkowitz (1990) que referem a interdependência entre o estado emocional e as atribuições de significado efectuadas acerca da situação relevante para o sujeito. Este caso particular pode também demonstrar o recurso aos esquemas sociais das emoções para a explicação/descrição da experiência emocional por parte do indivíduo (Berkowitz, 1999; 1969) e, que Sherer (1994; Berkowitz, 1999) demonstrou serem semelhantes em várias culturas e reflexo dos processos fisiológicos que lhes subjazem. Hoje sabe-se que pelo menos algumas das emoções, especificamente a tristeza, o medo, a raiva e a repulsa possuem bases fisiológicas diferenciadas (Panksepp, 1994; Berkowitz, 1999).

Talvez este seja um aspecto da investigação das emoções que mereça mais atenção no futuro.

A sub-escala de Hostilidade está definida pelos itens propostos pelos autores exceptuando os itens 1, 5 e 21 do questionário original (em anexo), que como os itens referidos para as outras sub-escalas não apresentavam valores significativos e portanto a sua contribuição na avaliação do comportamento hostil demonstra-se pouco útil.

10. Discussão Geral e Conclusões

A selecção dos itens foi realizada de acordo com os critérios relativos à análise factorial previamente definidos, e descritos na secção dos métodos. É desejável ter mais do que menos indicadores do constructo, como se verifica na sub-escala de agressão verbal de ambos os questionários apenas com três itens. Contudo o fundamental é que estes indicadores sejam razoavelmente válidos e fidedignos, e estas condições estão satisfeitas no caso da DIAS e do QA como os resultados demonstram. Aumentar o número de itens por factor é benéfico apenas na medida em que esses novos indicadores sejam boas medidas dos factores (MacCallum, 1999), no caso do QA o acréscimo de itens não melhorou a medida de agressão verbal pois não aumentou o seu coeficiente de fiabilidade interna embora a sua validade do constructo esteja assegurada. Assim, esta sub-escala constituiu-se por 3 itens em vez dos 5 propostos pelos autores. Noutros estudos realizados com este questionário alguns itens também foram retirados para benefício do mesmo na população particular,

sendo portanto a versão final do questionário constituída por um número inferior de itens relativamente ao original, e foram obtidos coeficientes de fiabilidade interna inferiores a .6 para a sub-escala de hostilidade e valores inferiores a .7 para a sub-escala de raiva (Ramirez et al., 2001).

Tanto na Escala de Agressão Directa e Indirecta como no Questionário de Agressividade, as sub-escalas apresentam coeficientes de fiabilidade interna (α) considerados bons (Hill & Hill, 2002) com excepção da sub-escala de agressão verbal do Questionário de Agressividade, que apresenta um valor baixo (.4711) pelo que é necessário ser-se cuidadoso ao elaborar conclusões a partir da mesma. No entanto as escalas totais apresentam bons coeficientes de fiabilidade interna:

DIAS = .8734; QA = .8395, sendo que no último caso os alfas não se afastam muito dos valores obtidos pelos autores, e também noutros estudos (Buss & Perry, 1992; Ramirez et al., 2001).

É evidente pelos dados obtidos dos questionários que a agressividade se compõe por outras características ou sub-traços. Não é nova a divisão do comportamento nas suas componentes instrumental, emocional e cognitiva. A novidade é a existência de dados que demonstram que essa disposição se estende também a este traço de personalidade, a Agressividade. Os resultados apresentados fornecem além disso informação acerca das relações entre as suas características.

Um dos motivos para a realização deste trabalho surgiu da necessidade de um instrumento que possa medir várias componentes da agressividade e simultaneamente satisfaça os critérios psicométricos standardizados. Estes estudos produziram vários factores que se intercorrelacionam suficientemente para indicar um traço de Agressividade, mas com espaço suficiente para dimensões separadas.

Assim, tendo em atenção as limitações já referidas, pode afirmar-se que estes questionários satisfazem os critérios requeridos.

Estes instrumentos são úteis porque fornecem informação não só acerca das várias componentes da agressividade, mas também acerca das diferenças sexuais e de quais as componentes que se relacionam com dadas variáveis demográficas. Apesar dos problemas associados às avaliações efectuadas pelos pares - por exemplo, os sujeitos que avaliam não são observadores treinados nem estão numa situação de

observação directa o que pode conduzir a alguns enviesamentos, a existência de alguns indivíduos que são muito populares enquanto outros não são conhecidos, a falsificação da avaliação dos pares conduzindo a um elevado número de zeros – a utilização deste método é útil na comparação com auto-avaliações. Com o conhecimento prévio destas limitações conclui-se que há evidência para a validade do constructo Agressividade. Os dados que demonstram as relações deste traço com outros traços da personalidade, e com a propensão para o desenvolvimento de doenças coronárias sugerem que estes instrumentos apresentam já alguma utilidade (Buss & Perry, 1992; Morren & Meesters, 2002; Powell, 2000; Novaco, 2000; Koolhaas, 2000).

O comportamento agressivo parece variar mais entre culturas do que entre os sexos, contudo há diferenças sexuais observadas em diversas culturas através de vários métodos e várias idades (Ramirez et al., 2001). Alguns autores apontam para uma frequência no uso da agressão verbal maior em homens do que em mulheres (Whiting & Edwards, 1973; citado por Österman, 1999) enquanto outros não encontram diferenças sexuais a este respeito (Björkqvist et al., 1992a; in Österman, 1999). De acordo com Hyde (1990) (citado in Österman, 1999) este facto pode explicar-se pela igualdade entre homens e mulheres no que respeita à inteligência verbal e, porque os homens têm mais força física provavelmente as suas ameaças verbais parecem mais credíveis e assustadoras e portanto são mais eficazes do que ameaças semelhantes feitas por mulheres. Os dados obtidos no presente trabalho concordam com estas sugestões.

Visto que os machos são fisicamente mais fortes do que as fêmeas há maior probabilidade de estes utilizarem meios físicos que são mais eficazes e menos perigosos para eles do que para as fêmeas (Österman, 1999), como se verifica pelos resultados apresentados os homens obtiveram valores mais elevados na escala de Agressão Física e Total do que as mulheres.

Crick & Dodge (1996) fornecem dados que suportam as hipóteses que predizem que as crianças mais velhas estão mais conscientes e mais preocupadas com os aspectos sociais das interações relativamente a crianças mais jovens. Indicam também que as crianças mais velhas avaliam mais negativamente a agressão. Estes resultados são consistentes com as hipóteses do desenvolvimento das teorias do

processamento da informação social, que estabelecem que as alterações no desenvolvimento do comportamento estão associadas a alterações no processamento. No caso particular do comportamento agressivo devem ocorrer alterações no processamento da informação que suportam menos o uso desta à medida que os indivíduos crescem, através do desenvolvimento de avaliações mais negativas acerca do comportamento agressivo (Crick & Dodge, 1996). Os dados obtidos são coerentes com estas hipóteses do desenvolvimento e com outros estudos efectuados neste âmbito (von der Pahlen et al., 2002) como pode constatar-se através das correlações negativas significativas entre a idade e os valores das hetero-avaliações obtidos pelos homens.

As percepções de pares hostis são predictoras de respostas agressivas de retaliação (Crick & Dodge, 1996) o que faz pensar que ao longo do seu desenvolvimento ontogénico os sujeitos da amostra utilizada no estudo 2 podem ter diminuído as suas manifestações de agressividade, e que estas podem ser moduladas socialmente pela percepção dos pares e pelos processos cognitivos que lhe estão associados. Seria interessante pensar neste fenómeno como um mecanismo inibidor do comportamento agressivo, à semelhança dos mecanismos de apaziguamento que Lorenz descreve (2002), sujeito a pressões selectivas com vantagem para o indivíduo que o possuísse uma vez que não compensa lutar em todas as situações nem com todos os indivíduos, como mencionado (Buss, 1999). Se, de acordo com Darwin (1981) seria de esperar que os machos desenvolvessem estruturas anatómicas, perceptivo-sensoriais, comportamentais e cognitivas com vantagem na competição intra-sexual, então esta característica pode ter sido seleccionada se em algum momento apresentou mais vantagens do que custos para o indivíduo.

Não é possível aprofundar estas questões com o presente trabalho, no entanto pensa-se que poderia ser interessante a realização de estudos longitudinais para as investigar no futuro.

Outra explicação possível envolve os efeitos periféricos da testosterona, ou seja a influência que esta hormona exerce na aparência do indivíduo. Os efeitos periféricos da testosterona incluem um aumento da massa muscular e da pilosidade corporal, e esta aparência mais “matura” ou “intimidante” pode influenciar o modo pelo qual os pares percebem e respondem ao outro indivíduo (Monaghan & Breedlove, 1991). Estas variáveis não foram medidas no presente estudo, e as características da aparência dos indivíduos são muitas vezes negligenciadas na

investigação deste tipo de comportamento em detrimento de variáveis fisiológicas e motivacionais.

Fica por isso a sugestão para que estas sejam tidas em atenção em investigações futuras, pois se as acções relacionadas com as características sexuais secundárias forem descuradas é possível que se torne mais difícil observar um efeito directo das hormonas no comportamento agressivo.

Fica também a curiosidade acerca de eventuais associações entre a testosterona e a agressividade medida pela avaliação de pares, pois parece que há uma correlação significativa entre estas em alguns estudos efectuados (Archer, 1991), e entre a testosterona e dados comportamentais que constituem medidas possivelmente mais adequadas em determinadas situações do que as auto e hetero-avaliações de disposições ou traços agressivos.

No período de socialização, enquanto os rapazes estão em grupos amplos e sem fronteiras determinadas, as raparigas preferem grupos pequenos e fechados, tipicamente díades. Estas conversam sobre as emoções e as relações mais do que os rapazes adolescentes e usam frequentemente expressões como “ela disse... e depois ele disse...”. Este padrão de amizade é um contexto possivelmente favorável para o desenvolvimento de estratégias agressivas indirectas ou socialmente manipulativas (Kankaaranta et al., 1993; Goodwin, 1990; citados in Österman, 1999). Esta poderá ser uma explicação para o facto de serem obtidos valores mais elevados para as mulheres na escala de Agressão Indirecta, da DIAS, embora no limiar da significância. Além disso, as capacidades de comunicação não verbal das mulheres excedem as dos homens, e estas também são melhores a descodificar e a enviar mensagens não verbais (Österman, 1999). Estas características são necessárias para entender e manipular situações sociais, e constituem uma vantagem tanto na agressão indirecta socialmente manipulativa como na resolução pacífica de conflitos.

Talvez este facto associado à fenomenologia da experiência emocional possa explicar, pelo menos em parte, os valores obtidos na sub-escala de raiva ligeiramente superiores nas mulheres. Não só em Scherer e outros teóricos, mas desde os filósofos estóicos, a raiva tem sido entendida como uma emoção fortemente determinada também pelas interpretações pessoais dos acontecimentos. O conceito avaliação é a interpretação, o julgamento, o significado embrenhado na percepção de algo, não é um fenómeno cognitivo ocorrente após esse algo ter acontecido. A avaliação está *no*

ver e ouvir – o próprio acto perceptivo da realidade discorrente. Assim, esta acção permanente de processamento da informação possibilita que várias reavaliações da situação se sucedam e correspondentemente afectem a probabilidade da agressividade ser diminuída, mantida ou intensificada (Novaco, 2000).

Além disso, há autores que assumem que as pessoas se referem aos seus esquemas sociais das emoções, mais do que às suas memórias de episódios emocionais, quando fazem relatos acerca das suas próprias experiências (Berkowitz, 1999). Estes dados em conjunto com algumas características da ontogenia do comportamento agressivo, particularmente o facto de as raparigas tenderem a ser inibidas nas suas manifestações agressivas pelas figuras educadoras enquanto os rapazes são por vezes reforçados, constituem uma possível explicação para a menor agressividade directa observada nas mulheres, e a predominância da componente emocional. Scherer e Wallbot (1994) (in Berkowitz, 1999) realizando uma investigação através de questionários demonstraram que há semelhanças transculturais relativamente aos indicadores fisiológicos associados à raiva, como o aumento do ritmo cardíaco e da tensão muscular, e portanto independentes das ideias sociais particulares de cada cultura relativas a esta emoção.

Este facto suscita bastante interesse acerca da investigação da fisiologia da raiva visto que esta pode ser uma característica com utilidade para compreender as diferenças que se observam entre os sexos, e a modulação do comportamento agressivo.

Alguns avanços já foram realizados neste sentido e demonstram, pela primeira vez em mulheres, uma associação significativa entre a 5 α -dihidrotestosterona e a raiva, usando particularmente o Questionário de Agressividade de Buss & Perry (von der Pahlen et al., 2002).

Os humanos são muito inclinados a atribuir as causas da sua raiva aos aspectos pessoais, estáveis e controláveis do comportamento dos outros (Novaco, 2000).

Em sujeitos do sexo masculino há correlações significativas entre o local de controlo e os três tipos de agressão, mas nos sujeitos do sexo feminino tal não se observa, o que sugere outro tipo de diferenças na natureza da agressividade masculina e feminina (Österman, 1999) com interesse para a investigação.

As diferenças individuais nas capacidades mentais e físicas determinam a escolha da estratégia agressiva. O agressor calcula o balanço da relação entre o efeito da estratégia possível e os prejuízos/perigos físicos, psicológicos e sociais que podem advir para si ou para alguém que lhe é importante. O objectivo é usar ou criar a estratégia mais eficiente possível expondo-se ao menor perigo possível. O agressor maximiza o efeito e minimiza os riscos envolvidos. Quanto melhor o agressor conseguir manter-se afastado do campo de alcance do oponente, e quanto melhor conseguir estimar os recursos de retaliação do oponente, mais apto está para atacar, para evitar contra-ataques e minimizar os riscos.

Como já visto, em geral o que as pessoas dizem e fazem pode ser influenciado pelos processos associativos e cognitivos. Esta observação é especialmente pertinente para as consequências comportamentais do afecto negativo. Mesmo que as pessoas estejam usualmente dispostas para serem hostis e agressivas com os outros quando se sentem mal, a hostilidade e a agressividade não são sempre aparentes. Em vez de “descarregarem” em alguém (ou mesmo “no vácuo”, como diria Lorenz), muitas vezes os humanos agem de modo não agressivo porque estão mais preocupados em melhorar o seu estado emocional ou em escapar da situação desagradável do que em atacar um alvo disponível ou simplesmente porque, por vezes, querem apenas fazer nada (Power & Dalgleish, 1997). A raiva e o comportamento agressivo gerados pelo afecto negativo não são necessariamente mais fortes do que quaisquer outras reacções, e muitas vezes são mascaradas por estas.

As antecipações das punições obviamente podem suprimir a agressividade, mas muitas vezes a agressividade é contida e/ou a hostilidade não é manifesta devido a um mecanismo auto-regulador que opera na ausência de consciência, embora não esteja claro o que está envolvido nesse mecanismo nem o que o activa (Berkowitz, 1990). Berkowitz propõe que quando as pessoas se tornam cognoscentes dos seus sentimentos negativos como consequência da focalização da atenção sobre estes, ficam de algum modo surpreendidas ou perturbadas, e isto inicia um nível relativamente elevado de actividade cognitiva. Elas pensam acerca das causas possíveis dos seus sentimentos e em função disso consideram também a melhor forma de actuar. Os constrangimentos físicos, as expectativas de punição ou de retaliação, a empatia, a consideração das consequências, e os valores prosociais funcionam como mecanismos de controlo inibitórios da agressão. Enquanto a experiência da raiva estabelece a prontidão para a acção agressiva, essa disposição

pode ser redireccionada, suprimida ou reconstituída (Berkowitz, 1990; Novaco, 2000). Estas considerações modulam o comportamento individual. De outra forma, na ausência desta actividade cognitiva conscientemente produzida, a hostilidade e a agressividade geradas pelo afecto negativo teriam menor probabilidade de serem contidas.

Assim, embora a dor e o sofrimento se manifestem vastamente e o desprazer seja inevitável parece haver razão para alguma esperança, visto que a experiência da raiva é diferente da sua manifestação. Além disso, com bastante frequência, os humanos juntam-se a outros que estão ou já estiveram em condições semelhantes e partilham a sua infelicidade. Não se sabe precisamente porque isto acontece, mas este comportamento de inter-ajuda baseado na simpatia, no significado darwiniano, parece limitar os efeitos prejudiciais do afecto negativo, incluindo a agressividade. A inteligência social é um requisito para todos os tipos de comportamento de conflito, para o comportamento prosocial tanto como para o comportamento antisocial mas a empatia, derivada da simpatia, funciona como um mitigador da agressão. Em análises efectuadas verificou-se que sem a empatia as correlações entre a inteligência social e os tipos de agressão aumentaram, enquanto as correlações entre a inteligência social e a resolução pacífica de conflitos diminuíram (Österman, 1999).

Talvez ainda mais importante seja: os processos associativos relativamente primitivos que produzem estes efeitos são inseparáveis dos e podem ser contrabalançados pelos processos cognitivos superiores (Berkowitz, 1990). Todos os seres humanos sem patologia nascem com o material suficiente para desenvolver a capacidade de raciocinar logicamente, reflectir, amar, odiar, conhecer e conhecer-se. Os humanos podem talvez modular a hostilidade e o comportamento agressivo como resultado de uma consciência introspectiva que lhes permita conhecer os seus estados internos e afectivos, ver com clareza as suas acções antes de as realizar, e quem sabe talvez até seguir a lei fundamental kantiana

“Age de tal modo que a máxima da tua vontade possa valer sempre ao mesmo tempo como princípio de uma legislação universal” (Kant, *Crítica da Razão Prática*, p.42).

O pensamento torna os humanos melhor adaptados. No entanto são tentados a acreditar que cada “bem” característico de ser humano associado à sua capacidade de pensamento conceptual tem que ser pago com um perigoso “mal” como consequência directa daquele. Mas além da faculdade de pensar conceptualmente, outra

característica desempenhou um papel fundamental no aprofundamento do seu entendimento do meio – a curiosidade. A curiosidade é a raiz da exploração e da experimentação, e estas actividades, mesmo nas suas formas mais primitivas, implicam uma função semelhante a colocar questões, a dialogar com a natureza circundante. Perguntar e registar a resposta conduz à antecipação da última, e, dado o pensamento conceptual, à ligação entre a causa e o efeito. Daqui até à previsão consciente das consequências das próprias acções é apenas um passo. Portanto, a mesma faculdade que provisionou o humano com armas e com poder perigosos para si e para as outras espécies, também lhe ofereceu os meios para prevenir o seu mau uso: a responsabilidade racional (Lorenz, 2002).

No entanto a dúvida perniciosa continua a insinuar-se: A agressividade é ou não é uma característica humana valorizável? Alguns argumentam que uma vez que a agressividade evoluiu pela selecção natural então é benéfica para a espécie. Alguns aspectos têm que ser clarificados a este respeito. Primeiro, a selecção natural actua sobre os **indivíduos**. Uma característica é seleccionada porque os indivíduos que a possuem têm maior probabilidade de sobreviver e de reproduzir-se. A questão sobre se um traço é vantajoso para os indivíduos que o possuem é totalmente diferente da questão se a existência de um traço nalguns indivíduos é vantajosa para o grupo ao qual pertencem. Segundo, nas sociedades actuais, aqueles preparados para usar a agressividade física podem ser capazes de alcançar os seus objectivos próprios mais prontamente do que os outros, mas isso não é o mesmo que dizer que o seu comportamento é vantajoso para a sociedade (Hinde, 1974).

Outro argumento é que a estrutura hierárquica na sociedade assegura a paz e a ordem, e a agressividade envolvida na sua manutenção é por isso vantajosa. Este argumento implica desde logo a agressividade potencialmente presente. Presumivelmente o que pretende dizer-se é que as sociedades com uma estrutura hierárquica são frequentemente estáveis. Mas a estabilidade, em vez de ser uma consequência benéfica da agressividade entre indivíduos, só surge quando os indivíduos subordinados param de desafiar os mais agressivos. E se este sistema é de facto benéfico para a sociedade como um todo depende dos valores dos que estão no topo.

Há ainda o argumento que apenas as espécies que mostram agressividade inter-individual mostram a formação de pares ou laços inter-individuais (Hinde, 1974; Lorenz, 2002). Mas ainda que exista uma correlação evolutiva entre agressividade e

laços sociais é pouco relevante para a diferente questão da existência de uma relação causal, ou seja, se a agressividade contribui para os laços afectivos duradouros na vida de qualquer indivíduo ou sociedade.

É indiscutível que o comportamento agressivo foi seleccionado como uma característica adaptativa na grande maioria das espécies, e que os indivíduos que a manifestam em determinado grau têm maior probabilidade de sobreviver e deixar descendência do que os indivíduos que a não possuem. Mas isto é completamente diferente da implicação que a agressividade no humano pode ser uma característica valorizável para a sociedade humana.

E porque se vive numa era sob o fantasma da destruição nuclear (Hinde, 1974) é possível que a sua enormidade possa conduzir a que se negligencie a importância dos actos individuais de agressividade, cujas consequências em termos de infelicidade humana podem ser muito maiores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Archer, J. (1991). The influence of testosterone on human aggression. *British Journal of Psychology*, 82, 1-28.
- Averill, J. (1994). In the Eyes of the Beholder. In: *The nature of emotion: Fundamental Questions*. (P. Ekman & R. J. Davidson eds.). Oxford University Press: USA.
- Baity, M. & Hilsenroth, M. (1999). Rorschach Aggression Variables: A Study of Reliability and Validity. *Journal of Personality Assessment*, 72(1), 93-110.
- Barefoot, J. (1992). Developments in the Measurement of Hostility. In: *Hostility, Coping and Health*. (H. S. Friedman ed.). APA: Washington, DC.
- Berkowitz, L. (1999). Anger. In: *Handbook of Cognition and Emotion*. (T. Dalgleish & M. Power eds.). John Wiley & Sons Ltd.
- Berkowitz, L., Lepinski, J. & Angulo, E. (1969). Awareness of own anger level and subsequent aggression. *Journal of Personality and Social Psychology*, 11(3), 293-300.
- Bernstein, I. (1991). Aggression. In: *Encyclopedia of Human Biology*, Vol 1 (pp. 113-118). Academic Press, Inc.: UK.
- Björkqvist, K., Lagerspetz, K. & Österman, K. (1992). *Direct and Indirect Aggression Scales (DIAS)*. www.vasa.abo.fi/svf/up/dias.htm. Abo Akademy University: Finland.
- Buss, A. & Finn, S. (1987). Classification of Personality Traits. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(2), 432-444.
- Buss, A. & Perry, M. (1992). The Aggression Questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63(3), 452-459.
- Buss, D. (1999). Aggression and Warfare. In: *Evolutionary Psychology, The New Science of The Mind* (pp. 278-308). Allyn & Bacon: USA.
- Crick, N. & Dodge, K. (1996). Social Information Processing Mechanisms in Reactive and Proactive Aggression. *Child Development*, 67, 993-1002.
- Da Glória, J. (1981). Frustração e Agressão. I – O leito de procusta: a hipótese da frustração-agressão. *Psicologia*, II(4), 265-284.

- Darwin, C. (1981). *The Descent of Man, and selection in relation to sex*. Princeton University Press: New Jersey.
- Dodge, K & Lemerise, E. (1993). The Development of Anger and Hostile Interactions. In: *Handbook of Emotions*. (M. Lewis & J. Haviland eds.). Guilford Press: NY.
- Eisenberg, N. (1994). Empathy. In: *Encyclopedia of human behavior*, Vol 2, Cop-I. Academic Press, Inc.: UK.
- Ekman, P. (1994). All Emotions are Basic. In: *The nature of emotion: Fundamental Questions*. (P. Ekman & R. J. Davidson eds.). Oxford University Press: USA.
- Emotions Are Many Splendored Things. In: *The nature of emotion: Fundamental Questions*. (P. Ekman & R. J. Davidson eds.). Oxford University Press: USA.
- Feshbach, S. (1970). Functions of Aggression. In: *Aggression*. John Wiley: NY.
- Given, D. (2003). Nonverbal Communication. *Center for Nonverbal Studies*.
www.members.aol.com
- Gorsuch, R. (1997). Exploratory Factor Analysis: Its Role in Item Analysis. *Journal of Personality Assessment*, 68(3), 532-560.
- Hamburg, D. (1991). An Evolutionary Perspective on Human Aggression. In: *The development and integration of behaviour essays in honour of Robert Hinde* (pp. 419-458). (P. Bateson ed.) Cambridge University Press: UK.
- Hill, M. & Hill, A. (2002). *Investigação por Questionário*. (M. Robalo ed.). Edições Sílabo, Lda.: Lisboa.
- Hinde, R. (1974). Aggressive Behaviour. In: *Biological Bases of Human Social Behaviour*. McGraw-Hill, Inc.:USA.
- Koolhaas, J. (2000). Aggressive Behavior. In: *Encyclopedia of Stress*, Vol 1 (pp. 100-104). (G. Fink, ed.). Academic Press: USA.
- Lorenz, K. (2002). *On Aggression*. Routledge Classics: UK.
- MacCallum, R., Widaman, K., Zhang, S. & Hong, S. (1999). Sample Size in Factor Analysis. *Psychological Methods*, 4(1), 84-99.
- Maroco, J. (2003). *Análise Estatística com Utilização do SPSS*. Edições Sílabo, Lda.: Lisboa.

- Monaghan, E. & Breedlove, S. (1991). Hormonal Influences on Behavior. In: *Encyclopedia of Human Biology*, Vol 4 (pp. 241-250). Academic Press, Inc.: UK.
- Morren, M. & Meesters, C. (2002). Validation of the Dutch Version of the Aggression Questionnaire in Adolescent Male Offenders. *Aggressive Behavior*, Vol 28, 87-96.
- Nathan, O. & Norden, H. (1960). *The Einstein-Freud Correspondence (1931-1932)* (pp. 186-203). Schocken Books: NY.
- Novaco, R. (2000). Anger. In: *Encyclopedia of Stress*, Vol 1 (pp. 188-194). (G. Fink, ed.). Academic Press: USA.
- O'Connor, D., Archer, J. & Wu, F. (2001). Measuring Aggression: Self-Reports, Partner Reports, and Responses to Provoking Scenarios. *Aggressive Behavior*, Vol 27, 79-101.
- Österman, K. (1999). *Developmental Trends and Sex Differences in Conflict Behavior*. www.vasa.abo.fi/svf/up/dias.htm. Abo Akademi University.
- Österman, K., Björkqvist, K., Lagerspetz, K., Landau, S., Fraczek, A. & Pastorelli, C. (1997). Sex Differences in Styles of Conflict Resolution: A Developmental and Cross-Cultural Study with Data From Finland, Israel, Italy, and Poland. In: *Cultural variation in conflict resolution: Alternatives to violence*. (D. Fry & K. Björkqvist eds.). Lawrence Erlbaum: USA.
- Panksepp, J. (1994). The Basics of Basic Emotion. In: *The nature of emotion: Fundamental Questions*. (P. Ekman & R. J. Davidson eds.). Oxford University Press: USA.
- Powell, L. (2000). Hostility. In: *Encyclopedia of Stress*, Vol 2, E-M. (G. Fink, ed.). Academic Press: USA.
- Power, M & Dalgleish, T. (1997). Anger. In: *Cognition and Emotion, From Order to Disorder* (pp. 303-330). Lawrence Erlbaum: UK.
- Power, M & Dalgleish, T. (1997). Cognitive theories of emotion. In: *Cognition and Emotion, From Order to Disorder* (pp. 65-109). Lawrence Erlbaum: UK.
- Ramirez, J., Andreu, J. & Fujihara, T. (2001). Cultural and Sex Differences in Aggression: A Comparison Between Japanese and Spanish Students Using two Different Inventories. *Aggressive Behavior*, Vol 27, 313-322.

- Scherer, K. (1994). Toward a Concept of "Modal Emotions". In: *The nature of emotion: Fundamental Questions*. (P. Ekman & R. J. Davidson eds.). Oxford University Press: USA.
- Von der Pahlen, B., Lindman, R., Sarkola, T., Mäkisalo, H. & Eriksson, C. (2002). An Exploratory Study on Self-Evaluated Aggression and Androgens in Women. *Aggressive Behavior*, Vol 28, 273-280.

Outra bibliografia consultada:

- Mchenry, H. (1991). Human Evolution. *Encyclopedia of Human Biology*, Vol 3. Academic Press, Inc.: UK.
- Michael, R. & Zumpe, D. (1991). Mating Behavior. In: *Encyclopedia of Human Biology*, Vol 4 (pp. 929-937). Academic Press, Inc.: UK.
- Miller, G. (1998). A Review of Sexual Selection and Human Evolution: How Mate Choice shaped Human Evolution. *Evolution and Human Behavior: Ideas, Issues and Applications* (pp. 87-130). (C. Crawford & D. Krebs eds.). Lawrence Erlbaum.
- Preuss, T. & Kaas, J. (1999). Human Brain Evolution. In: *Fundamental Neuroscience*, Cap 50 (pp. 1283-1311). (M. Zigmond, F. Bloom, S. Landis, J. Roberts and L. Squire eds.). Academic Press: USA.

ANEXOS

Anexo 1

DIAS: Auto-Avaliação (Forma utilizada no estudo 1, Björkqvist *et al.*, 1992)

Matriz Rotacionada de Componentes

Variáveis (Itens)	Componente	Componente	Componente
	1	2	3
1	,736	,331	7,384E-03
2	,219	,573	,155
3	,213	,502	5,778E-02
4	9,458E-02	,700	-9,476E-03
5	,853	2,946E-02	,130
6	-6,462E-02	,527	,235
7	,302	,556	,258
8	,256	4,944E-02	,660
9	,616	-6,659E-02	,255
10	7,920E-02	,194	,620
11	,639	,371	4,683E-02
12	,233	,525	,307
13	,712	,391	5,919E-02
14	-,163	,407	,603
15	8,465E-02	,193	,618
16	,189	,409	,320
17	,339	,163	,158
18	,153	,196	,638
19	5,388E-02	,562	,297
20	,251	7,215E-02	,572
21	,778	4,860E-02	,202
22	,144	,218	,656
23	,776	,116	,134
24	,110	,703	,213

Método de Extração: Análise de Componentes Principais.

Método de Rotação: Varimax.

Anexo 2

DIAS: Auto-Avaliação (Forma validade utilizada no estudo 2)

Matriz Rotacionada de Componentes

Variáveis (Itens)	Componente	Componente	Componente
	1	2	3
1	,759	5,957E-02	,250
2	,188	5,255E-02	,661
3	,851	9,686E-02	9,913E-02
4	,270	,265	,681
5	,306	,683	-,113
6	,611	,219	-9,403E-02
7	,104	,651	7,602E-02
8	,596	7,463E-02	,468
9	,713	9,704E-02	,368
10	-,133	,680	,266
11	3,076E-02	,567	,359
12	,183	,688	5,659E-02
13	-2,416E-02	,314	,761
14	,209	,572	,136
15	,809	,207	-2,192E-02
16	,132	,661	,220
17	,774	,121	,144

Método de Extração: Análise de Componentes Principais.

Método de Rotação: Varimax.

Anexo 3

Questionário de Agressividade (Forma utilizada no estudo 1, Buss & Perry,
1992)

Matriz Rotacionada de Componentes

Itens	Componente	Componente	Componente	Componente
	1	2	3	4
1	,402	5,623E-03	,308	-,113
2	9,374E-02	,609	7,917E-02	4,724E-02
3	,444	,274	9,023E-03	,280
4	,717	9,276E-02	6,407E-02	,155
5	,173	2,632E-02	,337	,377
6	,173	,201	-,136	,611
7	,209	2,638E-02	,497	-1,980E-03
8	,234	,515	,235	1,005E-02
9	6,676E-03	,117	,766	-7,420E-02
10	,406	,640	-8,525E-02	3,672E-02
11	,527	,246	,329	9,589E-02
12	,421	,607	5,532E-02	6,730E-02
13	,744	,181	5,236E-02	8,443E-02
14	5,544E-02	,107	-,251	,524
15	,269	-4,367E-02	,509	,174
16	,445	,183	1,710E-02	,467
17	3,469E-02	,772	5,955E-02	,220
18	-1,482E-02	3,765E-02	,243	,594
19	,417	,370	-7,137E-04	,251
20	,649	-4,312E-02	-,192	-3,890E-02
21	-,142	,126	,422	,479
22	,509	5,730E-02	,300	6,252E-02
23	6,196E-02	,331	-,155	-,159
24	-8,456E-02	,523	8,424E-02	,376
25	-8,009E-03	6,911E-02	,701	4,149E-02
26	-6,146E-02	,676	7,099E-02	,291
27	,129	,671	7,586E-02	,148
28	,604	,148	,255	-3,005E-02
29	,398	,195	,146	,423

Método de Extração: Análise de Componentes Principais.

Método de Rotação: Varimax.

Anexo 4

Questionário de Agressividade (Forma validada utilizada no estudo 2)

Matriz Rotacionada de Componentes

Itens	Componente	Componente	Componente	Componente
	1	2	3	4
B2	,644	4,834E-02	-1,050E-04	5,026E-02
B4	,113	,733	6,175E-02	,156
B6	,163	,179	-7,888E-02	,694
B7	8,245E-02	,190	,513	-,135
B8	,524	,197	,241	2,254E-03
B9	,105	-2,158E-02	,788	-5,492E-02
B10	,691	,362	-,101	-1,572E-02
B11	,239	,533	,364	,152
B12	,662	,420	3,438E-02	-2,157E-02
B13	,195	,762	6,847E-02	9,410E-02
B14	4,454E-02	7,921E-02	-,182	,708
B15	-3,228E-03	,235	,544	,110
B17	,752	1,967E-02	5,976E-02	,272
B18	7,075E-02	5,353E-02	,205	,395
B20	-2,140E-02	,654	-,176	-4,509E-02
B22	3,659E-02	,522	,293	,173
B24	,463	-7,890E-02	,163	,487
B25	2,891E-02	-1,913E-02	,734	,108
B26	,632	-6,901E-02	9,543E-02	,400
B27	,699	,114	7,477E-02	,120
B28	,170	,637	,263	-8,335E-02
B29	,234	,395	,184	,309

Método de Extracção: Análise de Componentes Principais.

Método de Rotação: Varimax.

ANEXO 5

Escala de Agressividade Directa e Indirecta

Data: ____/____/____ Sexo: M ____ F ____ Idade: ____ Anos

Diga-nos como você actua quando tem problemas/ou quando se zanga com um(a) colega de grupo. Não há respostas certas nem erradas. Responda às questões assinalando com uma cruz o número que melhor lhe parece corresponder à frequência com que tem cada um dos seguintes comportamentos.

0 = Nunca 1 = Raramente 2 = Às vezes 3 = Frequentemente 4 = Sempre

Quando se zanga com um(a) colega, você...

	Nunca			Sempre
1. Bate-lhe?	1	2	3	4
2. Grita ou discute com ele(a)?	1	2	3	4
3. Dá-lhe pontapés?	1	2	3	4
4. Insulta-o(a)?	1	2	3	4
5. Cria boatos sobre o(a) colega com quem está zangado(a)?	1	2	3	4
6. Prega-lhe uma rasteira?	1	2	3	4
7. Fala mal ou diz mentiras sobre ele(a)?	1	2	3	4
8. Ameaça que lhe vai bater?	1	2	3	4
9. Empurra-o(a)?	1	2	3	4
10. Fala mal dele(a) nas suas costas?	1	2	3	4
11. Inventá-lhe alcunhas?	1	2	3	4
12. Conta os segredos dele(a) a outras pessoas?	1	2	3	4
13. Arrelia-o(a) ou goza com ele(a)?	1	2	3	4
14. Escreve papelinhos ou mensagens (sms/e-mail) onde o(a) outro(a) é criticado(a)?	1	2	3	4
15. Empurra-o(a) e fá-lo(a) cair ao chão?	1	2	3	4
16. Critica-lhe o penteado e a roupa ou a forma de vestir?	1	2	3	4
17. Puxa-o(a)?	1	2	3	4

Questionário de Agressividade

Data: ____/____/____ Sexo: M ___ F ___ Idade: ____ Anos

Avalie até que ponto cada uma das seguintes afirmações caracteriza o seu comportamento. Não há respostas certas nem erradas. Utilize a escala fornecida assinalando com uma cruz o número que melhor corresponde à forma como habitualmente reage.

1 = Completamente diferente de mim 2 = Um pouco parecido comigo

3 = Parecido comigo 4 = Muito parecido comigo 5 = Igual a mim

- | | | | | | |
|--|---|---|---|---|---|
| 1. Há pessoas que me pressionaram tanto que chegámos a "vias-de-facto". | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 2. Enfureço-me facilmente mas passa-me depressa. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 3. Quando as pessoas me aborrecem digo-lhe o que penso delas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 4. Às vezes fico roído(a) de inveja. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 5. Já fiquei tão zangado(a) que parti coisas à minha volta. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 6. Parece que são sempre os outros que têm sorte na vida. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 7. Envolve-me em brigas mais frequentemente do que a maioria das pessoas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 8. Às vezes sinto-me como uma bomba prestes a explodir. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 9. Por vezes não consigo controlar a vontade de bater noutra pessoa. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 10. Tenho dificuldade em controlar o meu temperamento. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 11. Quando estou em desacordo com os meus amigos digo-o abertamente. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 12. Às vezes penso que as pessoas se estão a rir de mim nas minhas costas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

1 = Completamente diferente de mim 2 = Um pouco parecido comigo
3 = Parecido comigo 4 = Muito parecido comigo 5 = Igual a mim

- | | | | | | |
|--|---|---|---|---|---|
| 13. Se for suficientemente provocado(a) sou capaz de bater noutra pessoa. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 14. Desconfio sempre de desconhecidos que se mostram demasiadamente amáveis. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 15. Sou uma pessoa calma e tranquila. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 16. Quando me sinto frustrado(a) a minha irritação transparece facilmente. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 17. Se alguém me bater bato-lhe também. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 18. Por vezes acho que a vida não tem sido justa para comigo | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 19. Se tiver que recorrer à violência para proteger os meus direitos fá-lo-ei. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 20. Já fiz ameaças a pessoas que conheço. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 21. Às vezes perco as estribeiras sem nenhuma razão aparente. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 22. Discordo frequentemente das outras pessoas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

INSTRUÇÕES PARA AUTO-AVALIAÇÃO:

Diga-nos como VOCÊ actua quando tem problemas/ou quando se zanga com um(a) colega de grupo. Não há respostas certas nem erradas. Responda às questões assinalando com uma cruz o número que melhor lhe parece corresponder à FREQUÊNCIA com que tem cada um dos seguintes comportamentos.

0 = Nunca 1 = Raramente 2 = Às vezes 3 = Frequentemente 4 = Sempre

Quando de zanga com um(a) colega, VOCÊ...

	Nunca				Sempre
	0	1	2	3	4
1. Bate-lhe?	0	1	2	3	4
2. Afasta-o(a) do grupo?	0	1	2	3	4
3. Grita ou discute com ele(a)?	0	1	2	3	4
4. Faz-se amigo de outro(a) para se vingar?	0	1	2	3	4
5. Dá-lhe pontapés?	0	1	2	3	4
6. Ignora-o(a)?	0	1	2	3	4
7. Insulta-o(a)?	0	1	2	3	4
8. Cria boatos sobre o(a) colega com quem está zangado(a)?	0	1	2	3	4
9. Prega-lhe uma rasteira?	0	1	2	3	4
10. Fala mal ou diz mentiras sobre ele(a)?	0	1	2	3	4
11. Ameaça que lhe vai bater?	0	1	2	3	4
12. Planeia chateá-lo(a) às escondidas?	0	1	2	3	4
13. Empurra-o(a)?	0	1	2	3	4
14. Fala mal dele(a) nas suas costas?	0	1	2	3	4

0 = Nunca

1 = Raramente

2 = Às vezes

3 = Frequentemente

4 = Sempre

	Nunca				Sempre
15. Inventa-lhe alcunhas?	0	1	2	3	4
16. Diz aos outros "vamos isolá-lo(a)"?	0	1	2	3	4
17. Tira-lhe (ou esconde-lhe) coisas?	0	1	2	3	4
18. Conta os segredos dele(a) a outras pessoas?	0	1	2	3	4
19. Arrelia-o(a) ou goza com ele(a)?	0	1	2	3	4
20. Escreve papelinhos ou mensagens (SMS/e-mail) onde o outro é criticado?	0	1	2	3	4
21. Empurra-o(a) e fá-lo(a) cair ao chão?	0	1	2	3	4
22. Critica-lhe o penteado e a roupa ou forma de vestir?	0	1	2	3	4
23. Puxa-o(a)?	0	1	2	3	4
24. Arranja forma de os outros não gostarem dele(a)?	0	1	2	3	4

INSTRUÇÕES PARA HETERO-AVALIAÇÃO:

Diga-nos como CADA UM(A) DOS(DAS) SEUS(SUAS) COLEGAS DE GRUPO actua quando tem problemas/ou quando se zanga com outro(a) colega. Escolha 3 colegas presentes na sala. Para cada um deles preencha um questionário como este.

Nome do(a) colega: _____ Apelido: _____

Não há respostas certas nem erradas. Responda às questões assinalando com uma cruz o número que melhor lhe parece corresponder à FREQUÊNCIA com que o seu(sua) colega tem cada um dos seguintes comportamentos.

0 = Nunca 1 = Raramente 2 = Às vezes 3 = Frequentemente 4 = Sempre

Quando o(a) seu(sua) colega se zanga com outro(a) colega, ELE(A)...

	Nunca		Sempre		
	0	1	2	3	4
1. Bate-lhe?	0	1	2	3	4
2. Afasta-o(a) do grupo?	0	1	2	3	4
3. Grita ou discute com ele(a)?	0	1	2	3	4
4. Faz-se amigo de outro(a) para se vingar?	0	1	2	3	4
5. Dá-lhe pontapés?	0	1	2	3	4
6. Ignora-o(a)?	0	1	2	3	4
7. Insulta-o(a)?	0	1	2	3	4
8. Cria boatos sobre o(a) colega com quem está zangado(a)?	0	1	2	3	4
9. Prega-lhe uma rasteira?	0	1	2	3	4
10. Fala mal ou diz mentiras sobre ele(a)?	0	1	2	3	4
11. Ameaça que lhe vai bater?	0	1	2	3	4

0 = Nunca

1 = Raramente

2 = Às vezes

3 = Frequentemente

4 = Sempre

	Nunca		Sempre		
12. Planeia chateá-lo(a) às escondidas?	0	1	2	3	4
13. Empurra-o(a)?	0	1	2	3	4
14. Fala mal dele(a) nas suas costas?	0	1	2	3	4
15. Inventá-lhe alcunhas?	0	1	2	3	4
16. Diz aos outros "vamos isolá-lo(a)?"	0	1	2	3	4
17. Tira-lhe (ou esconde-lhe) coisas?	0	1	2	3	4
18. Conta os segredos dele(a) a outras pessoas?	0	1	2	3	4
19. Arrelia-o(a) ou goza com ele(a)?	0	1	2	3	4
20. Escreve papelinhos ou mensagens (SMS/e-mail) onde o outro é criticado?	0	1	2	3	4
21. Empurra-o(a) e fá-lo(a) cair ao chão?	0	1	2	3	4
22. Critica-lhe o penteado e a roupa ou forma de vestir?	0	1	2	3	4
23. Puxa-o(a)?	0	1	2	3	4
24. Arranja forma de os outros não gostarem dele(a)?	0	1	2	3	4

Avalie até que ponto cada uma das seguintes afirmações caracteriza o SEU comportamento. Utilize a escala fornecida assinalando com uma cruz o número que melhor corresponde à forma como HABITUALMENTE reage.

1 = Completamente diferente de mim 2 = Um pouco parecido comigo
3 = Parecido comigo 4 = Muito parecido comigo 5 = Igual a mim

Interrogo-me porque é que às vezes me sinto tão amargo(a) em relação às coisas.	1	2	3	4	5
Há pessoas que me pressionaram tanto que chegámos a “vias de facto”.	1	2	3	4	5
Quando as pessoas estão em desacordo comigo não consigo deixar de discutir com elas.	1	2	3	4	5
Enfureço-me facilmente mas passa-me depressa.	1	2	3	4	5
Sei que alguns “amigos” falam de mim nas minhas costas.	1	2	3	4	5
Quando as pessoas me aborrecem, digo-lhes o que penso delas.	1	2	3	4	5
Às vezes fico roído(a) de inveja.	1	2	3	4	5
Já fiquei tão zangado(a) que parti coisas à minha volta.	1	2	3	4	5
Parece que são sempre os outros que têm sorte na vida.	1	2	3	4	5
Envolvo-me em brigas mais frequentemente do que a maioria das pessoas.	1	2	3	4	5
Às vezes sinto-me como uma bomba prestes a explodir.	1	2	3	4	5
Por vezes não consigo controlar a vontade de bater noutra pessoa.	1	2	3	4	5
Tenho dificuldade em controlar o meu temperamento.	1	2	3	4	5
Quando estou em desacordo com os meus amigos digo-o abertamente.	1	2	3	4	5

1 = Completamente diferente de mim 2 = Um pouco parecido comigo
 3 = Parecido comigo 4 = Muito parecido comigo 5 = Igual a mim

6. Às vezes penso que as pessoas se estão a rir de mim nas minhas costas.	1	2	3	4	5
7. Alguns dos meus amigos acham que tenho um temperamento difícil e irascível.	1	2	3	4	5
8. Se for suficientemente provocado(a) sou capaz de bater noutra pessoa.	1	2	3	4	5
9. Desconfio sempre de desconhecidos que se mostram demasiadamente amáveis.	1	2	3	4	5
10. Os meus amigos dizem que tenho a mania das discussões.	1	2	3	4	5
11. Sou uma pessoa calma e tranquila.	1	2	3	4	5
12. Quando as pessoas são demasiado simpáticas fico a pensar no que quererão de volta.	1	2	3	4	5
13. Quando me sinto frustrado(a), a minha irritação transparece facilmente.	1	2	3	4	5
14. Não consigo imaginar uma razão suficientemente boa para bater em alguém.	1	2	3	4	5
15. Se alguém me bater, bato-lhe também.	1	2	3	4	5
16. Por vezes acho que a vida não tem sido justa para comigo.	1	2	3	4	5
17. Se tiver que recorrer à violência para proteger os meus direitos, fá-lo-ei.	1	2	3	4	5
18. Já fiz ameaças a pessoas que conheço.	1	2	3	4	5
19. Às vezes perco as estribeiras sem nenhuma razão aparente.	1	2	3	4	5
20. Discordo frequentemente das outras pessoas.	1	2	3	4	5